



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Geociências
Instituto de Artes
Laboratório De Estudos Avançados Em Jornalismo

FABÍOLA MANCILHA JUNQUEIRA

**OBSERVATÓRIO COVID-19: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE
GOVERNANÇA NO CONTEXTO DE EMERGÊNCIA**

CAMPINAS,

2022

FABÍOLA MANCILHA JUNQUEIRA

**OBSERVATÓRIO COVID-19: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE
GOVERNANÇA NO CONTEXTO DE EMERGÊNCIA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Geociências,
Instituto de Artes e Laboratório de Estudos
Avançados em Jornalismo da Universidade
Estadual de Campinas.**

Orientadora: Profa. Dra. Simone Pallone de Figueiredo

Este exemplar corresponde à versão final do Trabalho de Conclusão de Curso defendida pela aluna Fabíola Mancilha Junqueira e orientada pela Profa. Dra. Simone Pallone de Figueiredo.

CAMPINAS,

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

J968o Junqueira, Fabíola Mancilha, 1983-
Observatório COVID-19 : divulgação científica sobre governança no contexto de emergência / Fabíola Mancilha Junqueira. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Simone Pallone de Figueiredo.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. COVID-19. 2. Jornalismo científico. 3. Governança. 4. Risco. 5. Comunicação. I. Figueiredo, Simone Pallone de, 1967-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações adicionais complementares

Título em outro idioma: Observing COVID-19: Scientific dissemination on governance in the context of emergency

Palavras-chave em inglês:

COVID-19

Scientific journalism

Governance

Risk

Communication

Titulação: ESPECIALISTA EM JORNALISMO CIENTÍFICO

Banca examinadora:

Simone Pallone de Figueiredo [Orientador]

Sarah Azoubel Lima

Daniela Tonelli Manica

Data de entrega do trabalho definitivo: 09-01-2023

AGRADECIMENTOS

À minha família por todo apoio na travessia da vida.

Aos colegas, professores e funcionários do Labjor pelos aprendizados no percurso desta formação.

À minha orientadora e supervisora de jornalismo Profa. Dra. Simone Pallone de Figueiredo e ao supervisor científico Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro, pela paciência, orientações e incentivo na execução deste projeto.

À FAPESP pelo apoio por meio do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência).

RESUMO

Este documento reúne atividades e publicações da execução do projeto “Observatório Covid-19: projeto de divulgação científica sobre governança no contexto de emergência”, contemplado pelo Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência - Processo: 2021/10012-2 – iniciado em 01/03/2022 com término previsto para 28/02/2023). A base científica para a criação do material de divulgação científica incluindo uma série de podcast deu-se a partir da participação da pesquisadora em reuniões quinzenais do grupo CIRIS – Governança, Risco e Comunicação desde setembro de 2021 até o presente momento. O grupo de pesquisa CIRIS - Governança, Risco e Comunicação é formado por doze pesquisadores vinculados principalmente à Universidade de São Paulo (USP) e à Universidade Estadual de Campinas(Unicamp) e desenvolve estudos teóricos e empíricos centrados em quatro eixos analíticos: (i) riscos, incertezas e crises; (ii) produção, circulação e usabilidade do conhecimento; (iii) comunicação, enquadramentos discursivos e fluxos de informação; (iv) governança da ciência e tecnologia. O caráter interdisciplinar dos pesquisadores, estudos e pesquisas permite desenvolver amplas reflexões acerca das interações entre ciência, expertise, risco, comunicação e processos decisórios. O objetivo foi colaborar com a disseminação de informações provenientes de pesquisas realizadas pelos participantes do grupo além de fomentar o debate a partir de entrevistas com especialistas convidados. A série faz parte do catálogo do Podcast Oxigênio da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Palavras-chave: COVID-19. Jornalismo Científico. Governança. Risco. Comunicação.

ABSTRACT

This document brings together activities and publications from the execution of the project “Observing Covid-19: scientific dissemination on governance in the context of emergency”, contemplated by the José Reis Program of Incentive to Scientific Journalism (Mídia Ciência - Process: 2021/10012-2 – started on 03/01/2022 with an end scheduled for 02/28/2023). The scientific basis for scientific divulgation and creating a podcast series came from the researcher's participation in fortnightly meetings of the CIRIS group - Governance, Risk and Communication from September 2021 to the present. The research group CIRIS - Governance, Risk and Communication is made up of twelve researchers linked mainly to the University of São Paulo (USP) and the State University of Campinas (Unicamp) and develops theoretical and empirical studies centered on four analytical axes: (i) risks, uncertainties and crises; (ii) production, circulation and usability of knowledge; (iii) communication, discursive frameworks and information flows; (iv) science and technology governance. The interdisciplinary character of the researchers, studies and research allows the development of broad reflections on the interactions between science, expertise, risk, communication and decision-making processes. The aim was to collaborate with the dissemination of information from surveys carried out by the group's participants, in addition to fostering debate based on interviews with invited experts. The series is part of the Oxygen Podcast catalog at the State University of Campinas (UNICAMP).

KEYWORDS: COVID-19. Scientific Journalism. Governance. Risk. Communication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA	13
3. PÚBLICO-ALVO	15
4. OBJETIVOS	15
4.1 Objetivo Geral	16
4.2 Objetivos Específicos	16
5. MÉTODO	16
6. DESENVOLVIMENTO	17
7. RESULTADOS	18
7.1 WebSite	18
7.2 Resenha e Reportagem	19
7.3 Episódio 1	19
7.4 Episódio 2	20
7.5 Episódios 3, 4 e 5	21
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE 1 – WebSite – Grupo CIRIS	26
APÊNDICE 2 - Resenha “Dicionário dos negacionismos no Brasil”	28
APÊNDICE 3 - Reportagem “Guerras da ciência: ataques ao conhecimento no Brasil”	31
APÊNDICE 4 – Roteiro do episódio 1	34
APÊNDICE 5 – Roteiro do episódio 2	50

1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 apresentou desafios para a população mundial em decorrência da pandemia deflagrada pela COVID-19. A doença, com alto grau de transmissão, espalhou-se rapidamente por diversos países. A manifestação variada de sintomas, desde leve coriza até intenso mal-estar, preocupou inicialmente idosos e pessoas com saúde debilitada. Foram necessárias ações urgentes de comunicação em larga escala para reduzir o contágio e mitigar o adoecimento da população. Profissionais de diversas áreas do conhecimento se mobilizaram para pesquisar e colaborar com o manejo desta crise sanitária sem precedentes.

A situação descontrolada da contaminação e a falta de informações precisas sobre tratamento e contenção da doença ganharam maior visibilidade na mídia conforme os casos foram aumentando rapidamente. No mês de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde - OMS (WHO, 2020) declarou estado de pandemia, alertando sobre a necessidade de criação e cumprimento de novas regras globais para conter a transmissão do vírus, que começou a ser vista com mais seriedade, tanto pelos órgãos governamentais quanto pela população, que teve que alterar completamente o seu dia a dia.

A adesão da população às orientações de saúde pública se mostrou fundamental no combate à pandemia, foram necessárias muitas adaptações na rotina diária. Foi preciso também abrir discussões sobre como viabilizar ações de cuidado e combate à transmissão do vírus em regiões e comunidades com características que dificultam a adesão do distanciamento social ou do cuidado com a higiene, por exemplo. O planejamento e execução de atividades cotidianas tiveram de ser repensados. A nova rotina se transformou em um constante convite à autopercepção dos fatores pessoais que garantem o próprio bem-estar, a qualidade de vida e a saúde mental. O respeito e a responsabilidade para com o outro e o senso de coletividade ganharam destaque. Tais ajustes, que a princípio seriam provisórios, acabaram por desafiar o compromisso pessoal de adesão individual quando se mostraram mais perenes. O tempo continua testando nossa capacidade de resistir a hábitos individuais que podem colocar vidas em risco e continua testando também nossa capacidade de pensar soluções que atendam as necessidades das mais variadas formas de convívio em comunidade existentes no Brasil.

A imprensa e os meios de comunicação se mostraram essenciais na divulgação de informações referentes à COVID-19. Divulgação de resultados de pesquisas realizadas pela comunidade científica mundial, comunicação direta sobre ações práticas

de combate ao contágio e cuidado à população, debates com cientistas envolvidos com o tema, investigação de governança em diversos setores atingidos pela crise, monitoramento da evolução de casos e ações positivas de cuidado no Brasil e no mundo, são formas como o debate se fez presente no dia a dia da população.

O caráter educativo dos meios de comunicação pode convidar a população a engajar-se nas questões científicas bem como refletir sobre as implicações de existir de modo inter-relacionado com a comunidade, seja ela o próprio bairro onde o indivíduo mora ou o planeta compartilhado entre todos os seres e, então, compreender as consequências das ações individuais, por mínimas que sejam. Tais ações que, anteriormente, poderiam ter sido consideradas corriqueiras e sem muita importância ou impacto na vida do outro, passam a ser vistas, nesse novo momento, de forma ampliada e inter-relacionada. Da mesma forma, questões científicas e políticas, que pareciam estar distantes da realidade do dia a dia, se fizeram presentes no impacto das escolhas diárias.

De acordo com Harari (2020), a humanidade enfrenta essa crise aguda não apenas por causa do vírus, mas pela falta de confiança entre os seres humanos. A crise na confiança e na solidariedade global nos enfraquece diante da ameaça que vivemos. A questão agora não é apontar o dedo para o outro e ver nele o responsável pela segurança ou pelas dores do coletivo, mas sim desenvolver a responsabilidade de cuidar de si como indivíduo e cidadão social, ecologicamente participante do ambiente. Harari ainda alerta que "a coisa mais importante que as pessoas precisam compreender sobre a natureza das epidemias talvez seja que sua propagação em qualquer país põe em risco toda a espécie humana" (HARARI, 2020, p. 7).

A psicologia ambiental é considerada uma área recente da psicologia e, como definiu Bassani, centra "no estudo das inter-relações pessoa-ambiente físico, tanto o construído pelo ser humano (casas, estradas, pontes, cidades etc.) quanto o natural. Considera que a pessoa atua e modifica o ambiente e que o ambiente atua e modifica a pessoa, no sentido de relações mútuas" (BASSANI, 2020, p. 97-98). Ter como objeto de estudo a pessoa em seu contexto implica que o pesquisador se debruce sobre questões interdisciplinares, tenha o olhar amplo para o corpo coletivo no qual cada indivíduo está inserido – de forma a modificar e ser modificado nas relações –, assim como compreenda os movimentos dessas inter-relações ao longo da história e em diversos âmbitos, não somente as relações entre a pessoa e o meio ambiente físico e social.

Não há dúvidas sobre o caráter interdisciplinar da pandemia da COVID-19. A crise inicialmente sanitária epidemiológica logo se transformou em uma crise econômica mundial. Há também reflexos extremamente importantes na saúde mental, na esfera

educacional, em aspectos básicos de sobrevivência como por exemplo o aumento da população em situação de insegurança alimentar e aumento da população em situação de rua. A história nos mostra como eventos se relacionam ao longo do tempo e como nossas ações impactam o futuro.

Em 2000, foi solicitada pela ONU a Avaliação Ecosistêmica do Milênio, que contou com a colaboração de mais de 1.360 especialistas em todo o mundo. A partir dos resultados e análises, foram estabelecidas metas para a proteção dos recursos naturais e o cuidado dos ecossistemas e bem-estar humano. Além dos dados e informações técnicas a respeito da situação no planeta, a pesquisa também alertou sobre o impacto prejudicial da forma imediatista do ser humano se relacionar com a natureza. “Nossas ações cotidianas, muitas vezes, desconsideram os impactos e consequências para nossa própria saúde e para a das pessoas com quem convivemos, quanto mais conceber que nos importemos com os possíveis efeitos para aqueles que desconhecemos!” (BASSANI, 2020, p. 101).

O caráter também interdisciplinar do jornalismo científico pode ser um aliado no combate à desinformação que gera consequências muitas vezes difíceis de reverter. Consequências literalmente fatais no contexto atual. Viabilizar o conhecimento científico de modo a estimular o desenvolvimento da cultura científica de forma acessível à população faz-se extremamente necessário neste cenário de pandemia e polarização de opiniões. Como bem disse Vogt no artigo “Espiral da Cultura Científica”, publicado em 2003 na revista ComCiência, faz parte da finalidade da ciência compartilhar a criação e a geração de conhecimento através da formulação de conceitos abstratos, ao mesmo tempo que tangíveis e concretos, pela demonstração da lógica e pela experiência. (VOGT, 2003)

Na mesma publicação Vogt ilustra a dinâmica da cultura científica em forma de espiral composta por quatro quadrantes que abarcam destinadores e destinatários do processo, sendo eles:

- 1º Quadrante: Cientistas são destinadores e destinatários da própria ciência;
- 2º Quadrante: Como destinadores estão os cientistas e professores, como destinatários estão os estudantes;
- 3º Quadrante: Como destinadores estão os cientistas, professores, diretores de museus, animadores culturais da ciência, como destinatários estão os estudantes e mais amplamente o público jovem;
- 4º Quadrante: Com destinadores estão os cientistas e jornalistas, como destinatário está a sociedade em geral.

“Importa observar que nessa forma de representação, a espiral da cultura científica, ao cumprir o ciclo de sua

evolução, retornando ao eixo de partida, não regressa, contudo, ao mesmo ponto de início, mas a um ponto alargado de conhecimento e de participação da cidadania no processo dinâmico da ciência e de suas relações com a sociedade, abrindo-se com a sua chegada ao ponto de partida, em não havendo descontinuidade no processo, um novo ciclo de enriquecimento e de participação ativa dos atores em cada um dos momentos de sua evolução.”

(Vogt, 2003, n.p)

A partir do final do ano de 2019, no contexto da pandemia, a ciência, em suas diversas perspectivas e áreas do conhecimento, passou a ser pauta e base de informação sobre o novo vírus SARS-CoV-2 causador da Covid-19 em grande parte da imprensa mundial diariamente. A circulação do novo coronavírus entre humanos trouxe impactos nas áreas da saúde, economia, política, cultura, entre outras, que exigiram abertura e busca de informações especializadas para viabilizar a compreensão das mudanças deste momento histórico. Apenas saber dos fatos passou a não ser suficiente como anteriormente, foi preciso nos aproximarmos de cientistas para entender o que estamos vivendo. De certa forma foi necessário um movimento educacional da sociedade. Em um lado está a população que busca compreensão, no outro estão cientistas que investigam e produzem conhecimento, os veículos de divulgação científica cumprem o papel de viabilizar este contato.

Ainda não há previsões para o fim da pandemia, mas podemos supor que enfrentaremos desafios pelas consequências, reverberações e sequelas destes momentos intensos. O compromisso da imprensa em informar e educar a sociedade permanece, é importante sustentar o alargamento de conhecimento provocado pelo giro acelerado da espiral da cultura científica disparado pela pandemia. Podemos dizer que essa guinada no rumo global impactou o mundo individual, coletivo e ambiental. A mudança provocada pela pandemia ainda está acontecendo.

Uma das iniciativas científicas que destaco como importante para ser acompanhada e divulgada nos próximos meses é o projeto “Governando a COVID 19: ciência, risco, comunicação e políticas públicas em contextos de emergência” submetido à FAPESP em 2021, cujo objetivo imediato é “produzir informações e análises sobre a crise da COVID-19 mapeando as controvérsias em torno da pandemia e das políticas criadas para enfrentá-la, o que inclui entender processos de comunicação e percepção de risco; investigar as agendas políticas e científicas que emergiram no processo; e

engajar com atores diversos a fim de promover formas mais adequadas de praticar as interfaces entre a ciência e as políticas públicas.” (Monteiro, 2021).

Embora o projeto “Governando a COVID 19: ciência, risco, comunicação e políticas públicas em contextos de emergência” ainda não tenha sido aprovado pela FAPESP, e esteja sendo reformulado para nova submissão, proporcionou a criação de um grupo de pesquisa formado por mestrandos e doutorandos com trabalhos relacionados ao tema já em andamento. A estrutura de pesquisa está dividida em três eixos – resposta científica, percepção de risco e enquadramentos discursivos – liderados respectivamente pelos pesquisadores e orientadores Dr. Marko Monteiro (UNICAMP), também no papel de pesquisador responsável junto à FAPESP, Dra. Gabriela Di Giulio (USP) e Dra. Simone Pallone de Figueiredo (UNICAMP). Organizados da seguinte forma:

Eixo 1: Resposta Científica

Líder: Marko Monteiro - Pesquisador responsável

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5573301475044497>

Eixo 2: Percepção de Risco

Líder: Gabriela Di Giulio

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1660099902680680>

Eixo 3: Enquadramentos Discursivos

Líder: Simone Pallone – Pesquisadora Principal

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0233896493818934>

A partir de julho de 2022 o grupo passou a contar também com a participação e contribuição do Prof. Dr. Renzo Romano Taddei (<http://lattes.cnpq.br/3956613911250399>), professor da Universidade Federal de São Paulo, onde atua no Instituto do Mar e nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia do Mar. e coordena o Laboratório de Pesquisas em Interações Sociotecnicoambientais (LISTA). Juntamente com seus orientandos.

Para participar do projeto foram convidados pesquisadores representantes de instituições internacionais como Wageningen University, Holanda; University of York, UK; University College London, UK; Universidad de Oviedo e London School of Economics, que deverão ser convidados para participar de reuniões do grupo de

estudos, de forma a colaborar com as discussões que vêm sendo feitas e que deverão fazer parte da nova proposta a ser submetida à FAPESP.

Vale destacar a presença do pesquisador responsável, Dr. Marko Monteiro, no projeto CompCore¹, liderado pelos pesquisadores Stephen Hilgartner (Cornell University) e Sheila Jasanoff (Harvard University), cujo objetivo é analisar e comparar respostas de dezesseis países frente aos desafios da pandemia pela perspectiva da ciência e tecnologia e no projeto Rede Covid Humanidades², desenvolvido pela Rede Covid-19 Humanidades MCTI, que propõe analisar respostas aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento, o projeto integra o conjunto de ações da Rede Vírus MCTI financiadas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para o enfrentamento da pandemia³.

Uma vez que o projeto temático não foi reencaminhado durante o período de desenvolvimento deste projeto de divulgação científica, o trabalho apoiado pela pelo Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência) se concentrou nas atividades de pesquisa da equipe CIRIS. Portanto, o presente trabalho de conclusão de curso apresenta alguns resultados fruto do acompanhamento desta equipe de pesquisadores em suas produções.

2. JUSTIFICATIVA

Criado em 1994 na Universidade de Campinas (UNICAMP), o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) tem entre os objetivos democratizar o conhecimento científico, reduzir a distância entre os criadores do conhecimento e a opinião pública e estabelecer a relação da produção científica com a vida cotidiana e as suas relações com a sociedade de um modo geral. (LABJOR)

Para isso o Labjor desenvolve diversas atividades relacionadas à divulgação científica além de produzir conteúdos que são disponibilizados à sociedade em diversos meios de comunicação como as revistas ComCiência, que trata de assuntos ligados a todas as áreas da ciência e ClimaCom, cujo foco está em informações relacionadas a mudanças climáticas. Os projetos Estante Labjor e Revista do Edicc tratam de publicações resultantes dos cursos de mestrado em divulgação científica. Há também os podcasts Oxigênio, com edições quinzenais de 30 minutos que traz aos ouvintes

¹ <https://compcore.cornell.edu/>

² <https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php/br>

³ Convênio Ref.: 0464/20 FINEP/UFRGS

informações relacionadas a diversas áreas da ciência, o Mundaréu, voltado à divulgação da antropologia e o Ecoa Maloca, que propõe diálogos indígenas sobre diversidade, ciência e sustentabilidade.

Considerando o contexto atual permeado por discursos negacionistas, acelerada propagação de desinformação e falta de educação básica que possibilita a análise crítica de notícias e comunicações, iniciativas de divulgação científica e aproximação da ciência à sociedade se fazem essenciais para reduzir antagonismos que acabam por acentuar desigualdades já existentes no Brasil. Associar o sólido e reconhecido histórico do Labjor em divulgação científica com a potência de geração de conhecimento presente no projeto “Governando a COVID 19: ciência, risco, comunicação e políticas públicas em contextos de emergência” e em pesquisas em andamento pelo grupo CIRIS, pode significar o início de um observatório interdisciplinar de desenvolvimento e fortalecimento da cultura científica no Brasil.

O grupo de pesquisa CIRIS - Governança, Risco e Comunicação foi criado em 2021 com o objetivo imediato de “produzir informações e análises sobre a crise da COVID-19 mapeando as controvérsias em torno da pandemia e das políticas criadas para enfrentá-la, o que inclui entender processos de comunicação e percepção de risco; investigar as agendas políticas e científicas que emergiram no processo; e engajar com atores diversos a fim de promover formas mais adequadas de praticar as interfaces entre a ciência e as políticas públicas.” (Monteiro, 2021, p10).

O projeto temático “Governando a COVID 19: ciência, risco, comunicação e políticas públicas em contextos de emergência”, submetido à FAPESP no primeiro semestre de 2021, deu início à formação do grupo que está atuando, mesmo sem ainda a aprovação. Em paralelo às pesquisas e discussões, a equipe tem trabalhado nos ajustes e atualizações da proposta do projeto considerando modificações, muitas das quais, resultantes dos debates e reflexões resultantes dos encontros periódicos e das mudanças ocorridas no cenário de emergências no país, com o desenrolar da pandemia, e as questões das mudanças climáticas cada vez mais candentes.

O grupo CIRIS é liderado pelos pesquisadores e orientadores Dr. Marko Monteiro (UNICAMP), também no papel de pesquisador responsável, Dra. Gabriela Di Giulio (USP) e Dra. Simone Pallone de Figueiredo (UNICAMP) que orientam mestrandos e doutorandos no desenvolvimento de pesquisas em três eixos: resposta científica, percepção de risco e enquadramentos discursivos.

O grupo de pesquisa CIRIS - Governança, Risco e Comunicação é formado por doze pesquisadores, com previsão de novos ingressantes a partir do segundo semestre deste ano, e desenvolve estudos teóricos e empíricos centrados em quatro eixos analíticos: (i) riscos, incertezas e crises; (ii) produção, circulação e usabilidade do

conhecimento; (iii) comunicação, enquadramentos discursivos e fluxos de informação; (iv) governança da ciência e tecnologia. O caráter interdisciplinar dos pesquisadores, estudos e pesquisas permite desenvolver amplas reflexões acerca das interações entre ciência, expertise, risco, comunicação e processos decisórios.

Fazem parte do grupo CIRIS os seguintes pesquisadores, entre outros:

- Orientados pela Profa. Dra. Simone Pallone de Figueiredo (Unicamp)

Karina Juliana Francisco (<http://lattes.cnpq.br/5958185847474641>)

Camille Bropp Cardoso (<http://lattes.cnpq.br/8105787712336480>)

Rafael Martins Revadam (<http://lattes.cnpq.br/4907277498803693>)

- Orientados pela Profa. Dra. Gabriela Marques Di Giulio (USP)

Felipe Reis Campos (<http://lattes.cnpq.br/1848298482577892>)

Ione Mendes (<http://lattes.cnpq.br/9375211644955814>)

Mariana Varella (<http://lattes.cnpq.br/8574945322465525>)

Fernanda Luchiari (<http://lattes.cnpq.br/6270639347045697>)

Compreender a resposta brasileira à crise deflagrada pela COVID-19 vai além da urgência do momento, trata-se de compreender a nós mesmos enquanto sociedade biográfica com possibilidade de desenvolvimento cultural. Criar legado de registros científicos rigorosos e confiáveis contribui com a sustentação do contínuo processo de desenvolvimento da ciência e significa colaborar com outras culturas e gerações futuras.

3. PÚBLICO-ALVO

Por se tratar de um grupo de pesquisas focado em investigar, analisar e promover debates acerca dos aspectos de governança, risco e comunicação nas emergências deflagradas pela COVID-19, o público-alvo das comunicações de divulgação científica deste projeto são primeiramente estudantes, pesquisadores e profissionais ligados às áreas dos estudos sociais. Entre eles estão também profissionais da comunicação, especialmente interessados em ciências humanas, assim como leitores e ouvintes dos veículos de comunicação do Labjor (Revista ComCiência e Oxigênio Podcast).

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo Geral

Desenvolver a divulgação científica de pesquisas produzidas principalmente pelo grupo de estudos e pesquisa CIRIS sobre Governança, Ciência, Risco e Comunicação relacionadas à COVID-19 e outros temas considerando o caráter interdisciplinar do grupo.

4.2 Objetivos Específicos

- Organizar o primeiro Workshop de divulgação científica do grupo em parceria com o GEICT – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia
- Idealizar o formato e estilo da série de podcast;
- Delinear pautas e canais de sugestão de pautas para a temática dos episódios;
- Entrevistar, roteirizar, gravar, editar e ilustrar os episódios;
- Divulgar o grupo e pesquisas relacionadas em diferentes mídias (revista ComCiência, por exemplo);
- Abrir espaço para o diálogo direto com especialistas integrantes do Grupo de Pesquisa CIRIS a fim de levantar percepções, experiências e informações a respeito de temas como governança, risco e comunicação a partir da pandemia de Covid-19.

5. MÉTODO

O método de trabalho seguiu os procedimentos do ofício de jornalismo, incluindo a proposição de pautas sobre os projetos vinculados ao grupo de estudos e temas correlatos que contribuiu com o debate bastante atual sobre emergências como a da Covid-19.

O processo seguiu com apuração de fontes e novidades, realização de entrevistas, checagem dos fatos, confecção das matérias, edição e publicação nos veículos selecionados, e que fazem parte do conjunto de veículos do Labjor. No caso dos episódios de podcast, o trabalho incluiu ainda a gravação do programa e seleção de trilhas sonoras. Como todo material jornalístico na atualidade, o processo não termina na produção da matéria - seja notícia, reportagem, entrevista tipo pergunta e resposta, em texto ou áudio – ainda foi preciso divulgar nas redes sociais para atrair o público-alvo para a leitura ou audição do material.

Para a realização deste projeto foi importante participar das reuniões quinzenais do grupo CIRIS sobre governança da COVID-19 liderado pelos professores Dra. Simone Figueiredo e Dr. Marko Monteiro além de participar das aulas e atividades do curso de especialização em divulgação científica oferecido pelo Labjor com foco direcionado à viabilização deste projeto, tendo assim o suporte dos professores e periodicidade das aulas para desenvolver os materiais de divulgação científica. A realização de pesquisa bibliográfica considerou literatura atualizada de artigos e outras publicações das áreas de Divulgação Científica, Jornalismo Científico, Estudos Sociais da Ciência, Meio Ambiente, Filosofia da Ciência, História da Ciência, Inovação e Tecnologia, Governança, Risco e demais áreas do conhecimento mobilizadas pela pandemia da COVID-19.

A divulgação científica dos materiais criados para este projeto foi realizada nos meios de divulgação já existentes no Labjor. Revista ComCiência (Labjor) de publicação online mensal com reportagens, artigos, resenhas e entrevistas sobre Ciência e Tecnologia, produzida por colaboradores e alunos dos cursos do Labjor, divulga dossiês com temas pré-definidos e eventuais reportagens especiais. A revista é editada desde 1999, resultado de uma parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR) da UNICAMP e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). - ISSN 1519-7654 - <https://www.comciencia.br>. E pelo Podcast Oxigênio (Labjor), podcast de jornalismo e divulgação científica produzido pelos alunos dos cursos de Especialização em Jornalismo Científico e Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo), do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), da Unicamp, em parceria com a Rádio Unicamp. Estamos em Campinas-SP. - <http://oxigenio.comciencia.br>. Também foi criado um site exclusivo do Grupo CIRIS - <https://cirisgrupodepesqui.wixsite.com/ciris>.

6. DESENVOLVIMENTO

Considerando o efervescente debate dos temas foco de pesquisa do grupo CIRIS no contexto atual, na primeira fase do projeto Mídia Ciência foi priorizada a participação da bolsista nas reuniões científicas, investigação dos temas por meio de leituras e participação em webinários diversos e produção de conteúdos alinhados às disciplinas do curso. Além da criação do site de divulgação e planejamento de comunicações a seguir estão descritas as principais atividades realizadas ao longo do curso e execução do projeto:

Agosto 2021

- Ingresso no curso de especialização em Jornalismo Científico Labjor/Unicamp;
- Reunião com coordenadores do grupo CIRIS: declaração de interesse em participar como divulgadora;
- Elaboração e submissão do projeto e solicitação de Bolsa Mídia Ciência.

Setembro 2021 a Novembro 2022

- Participação em reuniões científicas do grupo CIRIS;
- Participação em reuniões de pauta do Oxigênio Podcast;
- Elaboração e execução de pautas, reportagens e roteiros;
- Participação na organização do VIII Workshop GEICT – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia em parceria com o Grupo CIRIS.

Dezembro 2022 a Março 2023

- Finalização e divulgação das últimas produções;
- Entrega do relatório final à FAPESP.

7. RESULTADOS

Foram criados os seguintes materiais de divulgação científica relacionados aos estudos e pesquisadores do grupo CIRIS.

7.1. Site exclusivo do Grupo CIRIS

Publicado em maio de 2022

Link de acesso ao site: <https://cirisgrupodepesqui.wixsite.com/ciris>

A iniciativa surgiu a partir da demanda do grupo em colocar-se disponível ao público em geral, em local de fácil acesso, agrupando materiais diversos como links e arquivos de divulgação científica, histórico e identificação dos integrantes do grupo, agenda de eventos e contato. O objetivo principal para a criação deste ponto de contato e divulgação científica é possibilitar o diálogo entre acadêmicos e o público em geral de forma simples, sem mediação institucional. Um dos desafios a ser considerado é como promover o acesso e interação com o público no contexto atual de excesso de informação nas redes, além da logística de atualização constante de informações para que a página permaneça atraente e informativa.

7.2. Resenha e Reportagem

Resenha: “Dicionário dos negacionismos no Brasil”

Publicada na Revista ComCiência, edição maio 2022

Link de acesso: <https://www.comciencia.br/dicionario-dos-negacionismos-no-brasil/>

Reportagem: “Guerras da ciência: ataques ao conhecimento no Brasil”

Publicada na Revista ComCiência, edição Maio 2022

Link de acesso: <https://www.comciencia.br/guerras-da-ciencia-ataques-ao-conhecimento-no-brasil/>

Os primeiros materiais de divulgação científica do projeto surgiram a partir do chamado de escrita para o Dossiê Conflitos e Militares da revista ComCiência. O livro Dicionário dos Negacionismos no Brasil havia sido publicado pouco tempo antes. O professor Marko Monteiro foi um dos pesquisadores participantes e responsável pela escrita de um dos capítulos que falava justamente sobre os conflitos e desafios enfrentados pela ciência ao longo do tempo, incluindo a fase de desmonte na época da ditadura militar.

Como base do trabalho e coleta de informações para a escrita destes materiais foram realizadas duas entrevistas, além da leitura do dicionário na íntegra. A entrevista com o organizador da publicação, o professor José Luiz Ratton, foi realizada via plataforma digital. A conversa abordou temas adjacentes à ideia desta publicação, gerando material significativo que resultou na produção de um episódio de podcast veiculado pelo Oxigênio sobre a importância de dicionários temáticos na divulgação científica a partir do cuidado com a linguagem acessível. O episódio #151 ‘Dicionários Temáticos: significados além das palavras’ pode ser acessado pelo link <https://www.oxigenio.comciencia.br/151-dicionarios-tematicos-significados-alem-das-palavras/>.

A entrevista realizada com o professor Marko Monteiro também foi realizada por plataforma digital, sendo possível posteriormente utilizar o áudio para a elaboração de um episódio de podcast, dando origem à ideia da série Emergências.

7.3 Episódio 1

Episódio Oxigênio Podcast #154

Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação
Ep.01 Compartilhando o Conhecimento (Cobertura do Workshop GEICT-CIRIS)
Publicado no Oxigênio Podcast em outubro de 2022
Link de acesso: <https://www.oxigenio.comciencia.br/154-emergencias-uma-serie-sobre-governanca-risco-e-comunicacao/>

Este é o primeiro episódio da série de podcasts que apresenta resultados e discussões a partir das pesquisas realizadas pelos integrantes do grupo CIRIS. No primeiro semestre de 2022 o professor e líder do grupo Marko Monteiro sugeriu a realização de um workshop de compartilhamento de conhecimento em parceria com o Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia da Unicamp, o GEICT. A organização ficou sob a responsabilidade de alguns integrantes do grupo e foram convidados dois debatedores externos a professora Soraya Fleischer do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e o professor Paulo Fonseca, da Universidade Federal da Bahia, no Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação e pesquisador do Laboratório de Humanidades Digitais.

O episódio trata de uma cobertura do evento, apresentando os pesquisadores participantes bem como o tema discutido por cada um. Os comentários na voz dos líderes e debatedores foram enviados por WhatsApp. Em seguida os arquivos foram tratados e equalizados pela equipe de áudio e edição da rádio Unicamp. O evento mostrou-se uma boa oportunidade para a criação do primeiro episódio da série, pois possibilitou apresentar o grupo CIRIS, divulgar o início da formação do grupo e introduzir o caráter multidisciplinar dos estudos.

7.4 Episódio 2

Episódio Oxigênio Podcast # 158
Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação
Ep.02 Guerras das Ciências
Entrevistado CIRIS: Prof. Marko Monteiro sobre o artigo “Science is a war zone: some comments on Brazil”
Publicado no Oxigênio Podcast em dezembro de 2022
Link de acesso: <https://www.oxigenio.comciencia.br/158-emergencias-uma-serie-sobre-governanca-risco-e-comunicacao-ep-2-obstaculos-e-perspectivas-para-as-ciencias/>

Este episódio surgiu a partir do material de pesquisa e entrevista realizada inicialmente para a elaboração da reportagem “Guerras da ciência: ataques ao conhecimento no Brasil”, publicada na Revista ComCiência, edição maio de 2022.

A pauta, pesquisa e entrevista foi pensada inicialmente apenas para a elaboração da reportagem escrita. No decorrer do processo e realização da entrevista foi possível observar a riqueza de informações e conteúdo assim como a boa qualidade do áudio resultado da gravação do encontro. Surgiu então a ideia de utilizar o material como parte principal para a criação de um episódio de podcast abordando temas mais amplos ao recorte da reportagem escrita.

A partir da elaboração do roteiro e andamento da organização do Workshop GEICT-CIRIS em paralelo surgiu a ideia da criação de uma série de divulgação científica tendo a cobertura do workshop como episódio introdutório e a entrevista com o professor Marko Monteiro como segundo episódio apresentando tema focado na discussão sobre ciência no contexto controverso.

7.5 Episódios 3, 4 e 5

Episódio Oxigênio Podcast # Número a definir

Publicação prevista para 2023

Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação

Ep.03 Emergências Climáticas e Desastres (entrevistas realizadas, episódio em fase de elaboração de roteiro)

Entrevistada CIRIS: Profa. Gabriela Gabriela Di Giulio

Episódio Oxigênio Podcast # Número a definir

Publicação prevista para 2023

Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação

Ep.04 Desinformação (entrevistas realizadas, episódio em fase de elaboração de roteiro)

Entrevistados CIRIS: Mariana Hafiz e Rafael Revadam, mestrados do programa de divulgação científica e cultural do Labjor Unicamp

Episódio Oxigênio Podcast # Número a definir

Publicação prevista para 2023

Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação

Ep.05 Algoritmos e Gabinete Paralelo (entrevistas realizadas, episódio em fase de elaboração de roteiro)

Entrevistado CIRIS: Felipe Reis Campos, doutorando do programa de saúde pública da Universidade de São Paulo

O terceiro episódio da série surgiu a partir das discussões do grupo sobre diversos aspectos das emergências climáticas, pelas quais passamos atualmente, e a partir do acompanhamento das aulas da disciplina sobre meio ambiente oferecida pelo curso de especialização. O objetivo do episódio é pensar a necessidade de discussão e ações para lidar com crises decorrentes do aquecimento global a partir de perspectivas distintas representadas por especialistas de áreas específicas e relacionadas entre si. Além das reflexões sobre saúde global e planetária trazidas pela professora Gabriela Di Giulio, foi entrevistado o professor da Unicamp Jefferson Picanço, geólogo e especialista em desastres, a professora Laís Silveira Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre ética na gestão pública em situações de desastres e a pesquisadora Claudia Comaru, doutora em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que estudou a ação de bombeiros em situações de desastres ambientais, trazendo a perspectiva do impacto do trabalho de profissionais que prestam os primeiros atendimentos quando ocorre um evento de desastre. Especialmente para elaboração deste episódio foi necessário lidar com o manejo do tempo e dificuldades de agenda para a realização das entrevistas com os especialistas. O planejamento ideal de finalização e divulgação do episódio para dezembro de 2022 teve que ser adiado para 2023.

Ambos os episódios seguintes, tratam do fenômeno da desinformação no contexto atual, porém, durante o processo da realização das entrevistas considerou-se mais adequado dividir o conteúdo do roteiro em dois episódios por se tratarem de situações com detalhes específicos que os deixaram distintos.

Tanto a pesquisadora Mariana Hafiz quanto o pesquisador Rafael Revadam dedicaram-se a analisar conteúdos de desinformação divulgados à sociedade. Uma pesquisa realizada com foco em desinformação sobre vacina e a outra sobre o espaço e o papel do conteúdo televisivo em tempos de pandemia veiculados em horário nobre da televisão aberta, em programas de domingo com amplo alcance e visibilidade. As entrevistas revelaram conteúdo importante a ser exposto no episódio.

Já o pesquisador Felipe Reis Campos, abordou o fenômeno do Gabinete Paralelo. Um grupo de médicos, empresários e outros profissionais próximos à então presidência nacional, com forte influência sobre os processos decisórios. A pesquisa revela o teor das mensagens de desinformação publicadas via twitter da maioria dos integrantes.

Apesar de ambos os episódios tratarem do fenômeno da desinformação, cada pesquisa e conseqüentemente cada entrevista observa e levanta discussões relevantes a partir de perspectivas distintas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado anteriormente, o momento atual apresenta incertezas em relação a processos decisórios – mudanças climáticas, riscos sanitários e mudança de governo. É presente e urgente a demanda para a divulgação de pesquisas que esclareçam o funcionamento dos processos de governança, reais dimensões dos problemas e possíveis soluções. As pesquisas do grupo CIRIS certamente contribuem para a elucidação destes temas. A divulgação pretende oferecer ao público, assim como aos tomadores de decisão, a oportunidade de envolvimento com o debate. A comunicação científica pretende causar impactos positivos no conhecimento geral e em políticas públicas. Por esta razão consideramos que a continuação da divulgação desta temática, bem como da ampliação de novos canais se faz necessária e urgente.

Os trabalhos de pesquisa do Grupo de CIRIS devem seguir amadurecendo e sugere a necessidade de continuação da divulgação científica para aproximar pesquisadores convidados dos pesquisadores do grupo a fim de debater e refletir em parceria sobre os temas de governança, risco e comunicação.

Atualmente este projeto está em fase de intensa produção de conteúdos relevantes à sociedade. Além disso, o trabalho desenvolvido por meio deste projeto permitiu à bolsista a elaboração de reflexões sobre a participação do divulgador científico em um grupo de pesquisas como ator fundamental na ampliação da visibilidade do trabalho pela sociedade, além do ambiente acadêmico.

Inicialmente o objetivo do grupo estava vinculado à compreensão das respostas brasileiras à pandemia da COVID-19. No decorrer do tempo e aprofundamento das discussões observou-se que a governança brasileira no contexto de emergência vai além de questões relacionadas à pandemia, ampliando os objetivos do grupo e os questionamentos sobre as perspectivas de risco e comunicação.

Além de trabalhos relacionados ao grupo CIRIS, durante o curso de especialização foram produzidas pesquisas, pautas, reportagens e podcasts abordando temas diversos de divulgação científica a partir da participação nas disciplinas do curso de especialização.

Ao longo do tempo, com o aprofundamento dos estudos, colaboração interdisciplinar entre os pesquisadores nas discussões quinzenais e acompanhamento

diário das ações de governança pública, risco e comunicação - como por exemplo o desenrolar da CPI da COVID-19, os avanços na vacinação, crescimento dos materiais de desinformação e aproximação das eleições - observou-se que os objetivos primeiramente propostos para o projeto temático deveriam ser ampliados, passando então a considerar também o contexto global de ações de governança, prevenção, mitigação e comunicação fundamentadas na ciência no momento pós crise sanitária. O contexto dinâmico da realização das pesquisas no momento atual apresenta um cenário de flexibilização das medidas de contenção do vírus e urgência de medidas de cuidado global em relação às emergências climáticas.

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta uma parte das atividades e publicações em que a bolsista responsável pela execução do projeto “Observatório Covid-19: projeto de divulgação científica sobre governança no contexto de emergência”, contemplado pelo Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência - Processo: 2021/10012-2 – iniciado em 01/03/2022 com término previsto para 28/02/2023), colaborou desde o início do curso de especialização e início da vigência do benefício.

A beneficiária ingressou no curso de especialização em Jornalismo Científico do Labjor/Unicamp em agosto de 2021, submetendo o projeto de divulgação à FAPESP no final do mesmo mês. A participação nas reuniões do grupo CIRIS – Governança, Risco e Comunicação⁴ iniciou em setembro de 2021 e segue acontecendo quinzenalmente até o presente momento.

O amadurecimento das reflexões expostas no projeto, a visibilidade dos temas de pesquisa e dos pesquisadores do grupo, poderão, ainda, contribuir para o projeto temático que deverá ser ressubmetido à FAPESP em 2023. Portanto, tanto a continuação das pesquisas elaboradas pelos integrantes do Grupo CIRIS quanto o projeto de divulgação científica vinculado ao grupo permanecem relevantes.

⁴ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/770805>

Referências

BASSANI, M. A. (org.) **Diálogos entre psicologia, espiritualidade e meio ambiente: o sagrado em perspectiva**. São Paulo: EDUC, 2020. E-book. ISBN 978-65-87387-24-6

HARARI, Y. N. **Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade**. 2020. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. E-book Kindle.

LABJOR. **Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo**. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/?page_id=1043>. Acesso em: 19/08/2021

MONTEIRO, M. S. A. **Governando a COVID 19: ciência, risco, comunicação e políticas públicas em contextos de emergência**". 2021. Projeto em tramitação na FAPESP.

ROMANO, J. O. et al. **Uma gripezinha: A análise política do discurso negacionista**. 19 de junho 2020. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/uma-gripezinha-a-analise-politica-do-discurso-negacionista/>>. Acesso em: 19/08/2021

VOGT, C. A espiral da cultura científica. **ComCiência**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>>. Acesso em 18/08/2021.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO **Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19** - 11 March 2020. Documento eletrônico. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 31 mar. 2020.

APÊNDICE 1

WebSite Grupo CIRIS

Publicado em Maio de 2022.

Link de acesso ao site: <https://cirisgrupodepesqui.wixsite.com/ciris>



[Home](#)

[Eventos e Notícias](#)

[Contato](#)

CIRIS

Grupo de Pesquisas

Governança, Risco e Comunicação

Envolve um núcleo interdisciplinar de pesquisa e reflexão crítica acerca das interações entre ciência, expertise, risco, comunicação e processos decisórios. Partimos da premissa de que as relações entre ciência, política e sociedade, longe de serem lineares, operam a partir de uma inter-relação multifacetada de coprodução.

Dessa forma, o grupo pretende desenvolver pesquisas acerca dessas interfaces, buscando produzir conhecimento e contribuir para aprimorar processos de comunicação e de tomada de decisão envolvendo expertise e ciência.

Este grupo de pesquisa desenvolve estudos teóricos e empíricos centrados em quatro eixos analíticos:

- (i) Riscos, incertezas e crises;
- (ii) Produção, circulação e usabilidade do conhecimento;
- (iii) Comunicação, enquadramentos discursivos e fluxos de informação;
- (iv) Governança da ciência e tecnologia.

No conjunto, as pesquisas desenvolvidas no CIRIS buscam evidenciar as complexas interações entre ciência, tecnologia e os contextos socioculturais nas quais estão imersos; e como estas relações participam de práticas sociais, conflitos e processos decisórios envolvendo expertise e comunicação de risco.

Pesquisadores



Gabriela Marques di Giulio

Saúde Pública / USP



Marko Synésio Alves Monteiro

DPCT / Unicamp



Simone Pallone de Figueiredo

Labjor / Unicamp



Betânia de Lima Ribeiro Almeida Freitas

DPCT / Unicamp



Camille Bropp Cardoso

Labjor / Unicamp



Fabíola Mancilha Junqueira

Labjor / Unicamp



Felipe dos Reis Campos

Saúde Pública / USP



Fernanda Luchiari de Lima

Saúde Pública / USP



Ione Maria Mendes

Saúde Pública / USP



Karina Juliana Francisco

Labjor / Unicamp



Mariana Brasiliense Fusco Varella

Saúde Pública / USP



Rafael Martins Revadam

Labjor / Unicamp

APÊNDICE 2

Revista ComCiência

Dossiê #235 – Conflitos e militares – Maio 2022

Resenha “Dicionário dos negacionismos no Brasil”

Link de acesso: <https://www.comciencia.br/dicionario-dos-negacionismos-no-brasil/>

Com Ciência

REVISTA ELETRÔNICA DE JORNALISMO CIENTÍFICO



SB
PC

Sociedade
Brasileira para o
Progresso da
Ciência

_comciência dossiê conflitos e militares

QUEM SOMOS DOSSIÊS ESPECIAIS



RESENHA, DOSSIÊ 235

DICIONÁRIO DOS NEGACIONISMOS NO BRASIL

10 DE MAIO DE 2022 COMCIENCIA



Por Fabíola Mancilha Junqueira

ESPECIAIS



Livro Panorama Quilombola é lançado e traz reflexões fundamentais sobre comunidades tradicionais



Apontamentos sobre jornalismo científico em tempos de twitter (ou de seus substitutos escatológicos)

Lançado em abril, o Dicionário dos negacionismos no Brasil (Editora Cepe) figurou entre os cinco mais vendidos pela Amazon na categoria jornalismo. Organizado por José Szwako, professor e pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e José Luiz Ratton, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, o dicionário conta com 112 especialistas brasileiros e internacionais na discussão dos verbetes.

Os organizadores introduzem o tema destacando o aumento da visibilidade da ciência brasileira, na agenda pública, em decorrência da pandemia da covid-19, sendo possível encontrar, no ambiente virtual, cidadãos de diversas regiões expressando comentários e opiniões sobre instituições e autoridades do meio acadêmico – tema antes à margem das discussões cotidianas. Entre os comentários há aqueles que defendem os benefícios da produção de ciência nos âmbitos sociais, econômicos, ambientais e também os que falsificam evidências e negam consensos científicos. Um dos objetivos da publicação é apresentar o conteúdo em textos curtos e com linguagem não hermética, de forma acessível ao leitor não especializado.

Durante a live de lançamento o professor José Szwako comparou o fenômeno do negacionismo a uma “cola” que envolve e agrupa diversos temas sensíveis à sociedade, como as questões de gênero, racismo, sociedade patriarcal, movimentos antivacina e movimentos da extrema direita. Os participantes do encontro virtual também discutiram a estratégia política intencional presente nos discursos negacionistas, revestidos de aparente despretensão.

A obra conta com especialistas de diversas áreas como antropologia, medicina, jornalismo, sociologia, e de instituições de referência como o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), Ipea, Fioruz, London School of Hygiene and Tropical Medicine e universidades públicas brasileiras. São discutidos verbetes como agronegócio, água, comunicação pública, necropolítica, pseudociência, pós-verdade, Amazônia, indígenas, religião, racismo, SUS, terraplanismo, tortura, universidade e guerras da ciência.

Além de ser um material que possibilita o diálogo entre grupos sociais, o dicionário também pode ser considerado um registro do cenário atual brasileiro, e uma referência de consulta sobre o tema, já que trata de diversos tipos e formas de negacionismos, sob perspectivas distintas, abarcando os múltiplos aspectos desse fenômeno tão complexo.

Dicionário dos negacionismos no Brasil (2022)

Organização: José Szwako e José Luiz Ratton

Editora Cepe

366 páginas

Fabíola Mancilha Junqueira é formada em psicologia (FMU), com mestrado em psicologia clínica (PUCSP). Aluna da especialização em jornalismo científico (Labjor/Unicamp)

APÊNDICE 3

Revista ComCiência

Dossiê #235 – Conflitos e militares – Maio 2022

Reportagem “Guerras da ciência: ataques ao conhecimento no Brasil” (Mai/ 2022)

Link de acesso: <https://www.comciencia.br/guerras-da-ciencia-ataques-ao-conhecimento-no-brasil/>

The screenshot shows the homepage of the ComCiência website. At the top left is the logo 'ComCiência' with the subtitle 'REVISTA ELETRÔNICA DE JORNALISMO CIENTÍFICO'. To the right is the logo for 'LABJOR SBPC Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência'. Below the header is a navigation bar with the text '_comciência dossiê conflitos e militares' and menu items 'QUEM SOMOS DOSSIÊS ESPECIAIS' along with a search icon. The main content area features a large image of Earth with the Moon and Sun in orbit. Below this image is the article title 'GUERRAS DA CIÊNCIA: ATAQUES AO CONHECIMENTO NO BRASIL' and the date '10 DE MAIO DE 2022'. To the right, there are two 'ESPECIAIS' sections: one for the book 'PANORAMA QUILOMBOLA' and another for 'Apontamentos sobre jornalismo científico em tempos de twitter (ou de seus substitutos escatológicos)'. Social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, and Email are located at the bottom left of the article preview.

O caráter refutável da ciência é um dos pilares que sustenta o desenvolvimento do conhecimento. Faz parte do processo, em diversas áreas do saber, a identificação de um fenômeno, a formulação de dúvidas e hipóteses, a construção de um caminho de investigação e pesquisa, a criação de tecnologias, o compartilhamento de ideias, conclusões e impactos, a fundamentação do argumento, o reconhecimento de limitações e a abertura para novas contribuições – sejam refutando ou ampliando o

conhecimento anterior. As disputas de ideias são construtivas no desenvolvimento do conhecimento científico e na elaboração de respostas.

Para José Luiz Ratton, um dos organizadores do Dicionário dos negacionismos no Brasil, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, as disputas de ideias no âmbito da lógica científica, com refutações baseadas em evidências ou por fatos, fazem parte do desenvolvimento do saber. “Quando as disputas estão neste âmbito, é parte do jogo. Isso forma uma visão de mundo, um paradigma, ou paradigmas, enquanto cosmovisões de um fenômeno articulado com um conjunto de outros fatores”, pondera.

Muitas vezes, porém, esse caminho não é percorrido da maneira habitual, havendo prejuízo à construção do conhecimento e sobreposição de interesses alheios ao fazer científico. “Isso, por exemplo, pode ser observado na negação produzida intencionalmente pelo lobby da indústria tabagista sobre o efeito do produto em doenças pulmonares”, aponta Ratton.

Guerras da ciência

No Dicionário dos negacionismos, o verbete “guerras da ciência”, escrito pelo professor Marko Monteiro, pesquisador do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp, cita ataques às ciências ao longo da história, além de apontar a intensificação desse movimento nos últimos anos.

As guerras em torno da ciência, cita, vão além dos questionamentos saudáveis que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento. São graves ataques que fragilizam a confiança da sociedade nas universidades, instituições de pesquisa, e enfraquecem a participação democrática de diversos grupos. No verbete, o pesquisador aborda o entrelaçamento da ciência com a sociedade e com a política, traçando um histórico de movimentos que ameaçam os debates e colocam a democracia em risco. O artigo que inspirou a discussão do verbete pode ser lido na Revista *Tapuya: Latin American Science, Technology and Society*.

Para Monteiro, o desmonte da ciência no Brasil já estava posto há alguns anos. “Em 2016 falávamos sobre isso. As universidades começaram a ser alvo de ataques, havia um desfinanciamento do setor, o fim do Ministério da Ciência e Tecnologia, sinais muito claros de desmobilização e, ao mesmo tempo, parcelas importantes da sociedade

questionando a universidade, que é onde se faz ciência no Brasil. O negacionismo já estava aparente naquela época e hoje está no poder, nos ministérios, está direcionando a política pública”.

E, voltando algumas décadas e lembrando a época da ditadura militar no Brasil, o autor também menciona como desde então havia a perseguição aos que promoviam a atitude reflexiva do fazer científico. “Expulsar da universidade, de onde se produz conhecimento, ideias e posturas críticas relacionadas à ciência como aliada de movimentos para reduzir pobreza, para produzir uma sociedade mais sustentável”, diz. Naquele momento sobressaiu-se a visão da ciência como uma mera produtora de técnicas, sem relação com a sociedade ou com a política. Houve investimento e incentivo à produção técnica, mas desconsiderando impactos em aspectos importantes como os sociais e ambientais.

“Essa postura tecnocrática venceu. A ditadura dava muito recurso, criava universidades, criava capacidade tecnológica, mas ao mesmo tempo proibia qualquer discussão crítica Isso é muito forte ainda hoje na universidade”, diz.

Fabiola Mancilha Junqueira é formada em psicologia (FMU), com mestrado em psicologia clínica (PUCSP). Aluna da especialização em jornalismo científico (Labjor/Unicamp)

APÊNDICE 4

HOME PUBLICAÇÕES ▾ ARQUIVO BLOG O₂ SOBRE 

#154 – Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicaçãoout 31, 2022

Série Emergências | Temático



Compartilhar



Assine o Oxigênio





Neste episódio a [Fabíola Junqueira](#) e a [Flora Villas](#) falam sobre o oitavo workshop realizado pelo GEICT, o Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia da Unicamp, realizado em parceria com o grupo CIRIS, dedicado a pesquisar Governança, Risco e Comunicação a partir da crise da COVID-19.

Temático



Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação

Roteiro - CIRIS 1 - Compartilhando de conhecimento

Episódio 1 CIRIS - Workshop CIRIS GEICT

Entrevistados: Líderes CIRIS + Debatedores

Publicado em Outubro 2022

Divulgação

Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação

Episódio 1: Compartilhando conhecimento

Neste episódio a Fabíola Junqueira (@fabiolamjunqueira) e a Flora Villas (@flora.villas) falam sobre o oitavo workshop realizado pelo GEICT, o Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia da Unicamp, realizado em parceria com o grupo CIRIS, dedicado a pesquisar Governança, Risco e Comunicação a partir da crise da COVID-19.

Elas conversaram com as professoras Simone Pallone (@sipallone), do Labjor/Unicamp, Gabriela Di Giulio (@gabrieladigiulio), da Faculdade de Saúde Pública da USP, e com o professor Marko Monteiro (@monteiromarko), do Instituto de Geociências da Unicamp, líderes de pesquisa do grupo.

Este episódio faz parte de uma série que fala sobre os trabalhos do grupo CIRIS, formado por pesquisadoras e pesquisadores do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o Labjor, e do Instituto de Geociências, ambos da Unicamp e do Programa de Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

A divulgação científica destes trabalhos é apoiada pela FAPESP através do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico, o Mídia Ciência.

#ciência #unicamp #divulgaçãocientífica #fapesp #usp #governança #risco #comunicação #desinformação #br319 #influenciadordigital #maconhamedicinal #sus #covid19 #antropologia #etnografia #gabineteparalelo #fakenews #idosos #percepçãopública #políticapública #geict #ciris

Roteiro

[vinheta Emergências

Cajon - 20 segundos

Cajon - Abaixa o volume

Entra Vinheta Emergência.m4a

Cajon - Aumenta o volume]

[BG: Cool Vibes (B)]

Fabiola: Olá, eu sou Fabíola Junqueira e este é o primeiro episódio de uma série que fala sobre Governança, Riscos e Comunicação. Assuntos pesquisados pelo grupo CIRIS, criado em 2020 com o objetivo de pesquisar e propor reflexões sobre o desenvolvimento destas áreas no Brasil.

Flora: Olá, eu sou Flora Villas Carvalho e ao longo dos episódios você vai ouvir pesquisadores e pesquisadoras que fazem parte do grupo CIRIS, dos programas de mestrado e doutorado do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o Labjor, e do Instituto de Geociências, ambos da Unicamp e do Programa de Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, além de outros cientistas e especialistas convidados.

[BG: Cool Vibes (B) - fim]

Fabiola: Neste episódio vamos falar sobre um aspecto essencial da ciência, o compartilhamento do conhecimento. Mais do que pesquisar, questionar e investigar, é papel da ciência compartilhar com os pares e com a sociedade as descobertas, reflexões, dúvidas, desafios e construções de pensamento que surgem ao longo do

processo de compreender um fenômeno. Vamos falar também sobre o primeiro workshop realizado pelo grupo CIRIS em parceria com o GEICT, o Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia da Unicamp.

[vinheta oxigênio]

Fabiola: No dia três de outubro de 2022 aconteceu o oitavo workshop de compartilhamento de pesquisas e reflexões do GEICT, o grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia da Unicamp. Já faz parte do calendário de atividades do grupo este tipo de encontro em que os pesquisadores compartilham seus trabalhos e debatem sobre as pesquisas. Mas este ano o evento contou com a participação de pesquisadores do grupo de estudos sobre Governança, Risco e Comunicação, o CIRIS.

Marko: Então Fabiola o CIRIS é um projeto coletivo da Simone Pallone, Gabriela di Giulio e eu. Que enfim, nós temos colaborações diversas esparsas há muitos anos e com a pandemia a gente se viu colocado esse desafio de várias pesquisas ligadas a COVID. Eu e Gabriela começamos a colaborar diretamente em dois projetos, né o COMPCORE e a Rede COVID de Humanidades. E aí a gente entendeu que já estava madura a nossa colaboração para a gente propor algo mais consolidado. A gente tá tentando construir, na verdade, esse projeto de pesquisa representado por essa coisa da governança, risco e comunicação. E a ideia sempre foi produzir um laboratório permanente de pesquisas nesses campos e por isso que nós três decidimos montar isso, né? A partir da ideia da Gabi e da Simone.

Flora: Este é o professor Marko Monteiro, professor e pesquisador do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp, ele é um dos líderes do grupo CIRIS e também orienta trabalhos de pesquisadores do GEICT. Para o próximo episódio desta série, "Obstáculos e perspectivas para as Ciências", ele falou com a gente sobre as guerras da ciência. Vale a pena conferir.

Fabiola: Como você ouviu, a ideia do CIRIS surgiu em parceria com a Gabi e a Simone. A Gabi é a Gabriela Marques Di Giulio, professora do Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, a USP. Ela pesquisa sobre Ambiente e Sociedade, Ciência e Comunicação, Riscos e Incertezas, Comunicação e Governança do Risco, Percepção de Risco e Mecanismos de Participação Pública. Atualmente Gabriela é vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade do Instituto de Estudos Avançados, também da USP.

Flora: A seguir ela conta pra gente o contexto em que surgiu o grupo de pesquisa e como os estudos abordam temas de quatro eixos centrais.

Gabriela: O CIRIS surge em um momento bem interessante em que os nossos olhares e reflexões estavam muito endereçados à compreensão sobre as dinâmicas da crise da covid-19, dessa crise grave sanitária do ponto de vista de saúde pública, de saúde global, mas que tem fortes entrelaçamentos também com outras crises que estão em curso, né? A gente pode pensar aí a questão da emergência climática, da crise da perda de biodiversidade, da crise da poluição, mas também crise institucional, crise de responsabilidades, crise política, econômica, crise da insegurança alimentar. Então nesse contexto e considerando as colaborações parcerias e os diálogos que já vem sendo estabelecidos há bastante tempo entre as lideranças do grupo

Fabiola: Essa parceria de longa data, por sinal, foi destacada pelos três entrevistados. Vamos continuar ouvindo a Gabriela.

Gabriela: Então considerando essa colaboração, esse diálogo essa reflexão que a gente já havia construído, motivados por esse contexto de agravamento das crises em curso, né, ancorado sobretudo nesse contexto da pandemia de covid-19 e nesse nosso desejo de consolidar a nossa colaboração científica, envolver pesquisadores estudantes em diferentes níveis, com diferentes formações, com temas que obviamente tem suas similaridades mas que permeiam olhares e perspectivas analíticas também bastante diferentes, a gente propôs então a criação do CIRIS, nessa perspectiva de ter um núcleo interdisciplinar de pesquisa, de reflexão crítica sobre as interações entre ciência, expertise, risco, comunicação, processos decisórios. Olhando alguns aspectos que a gente considera bastante críticos sobre os estudos relacionados a essas crises todas que eu enderecei na minha fala, né? que caracterizam, de forma bastante forte esse tempo social que a gente vive.

Flora: Gabriela contou pra nós que o CIRIS se debruça sobre quatro eixos analíticos importantes. E ela explica cada um deles.

[BG: Xylophone]

Gabriela: O primeiro sobre riscos, incertezas e crises nessa perspectiva de entender então que são esses riscos enquanto incertezas produzidas, efeitos colaterais desse projeto de modernidade, mas também riscos como uma categoria analítica importante para entender a sociedade contemporânea. Sobre como essas crises também se

constituem a partir desses riscos sistêmicos, cujas relações de causa e efeito não são bem estabelecidas, caracterizadas por controvérsias, por complexidade, por ambiguidade, colocando em cheque muitas vezes o próprio conhecimento técnico-científico que é produzido e a sua capacidade de endereçar possíveis respostas, soluções, que amenizem os impactos, os efeitos dessas crises.

[03:34]

[BG: Xylophone]

Gabriela: Um segundo eixo analítico bastante importante é a produção, a circulação e a usabilidade do conhecimento gerado. A gente tá muito interessado em entender como conhecimento técnico e científico que é mobilizado, produzido pela comunidade científica, pelas instituições de pesquisa, como esse conhecimento na verdade circula dentro da sociedade. E sobretudo como esse conhecimento pode ou não subsidiar decisões, seja no âmbito individual, coletivo ou institucional. Como podem ou não subsidiar políticas públicas, quais são os elementos que interferem na maior ou menor das usabilidade desse conhecimento.

[BG:Xylophone]

Gabriela: Um terceiro eixo é mais focado na comunicação, nos enquadramentos discursivos e nos próprios fluxos de informação, sobretudo nesse momento que a gente discute muito a questão das fake news, da desinformação, dessa circulação e produção também de desinformação.

[BG: Xylophone]

Gabriela: Um quarto eixo, que é estratégico dentro do CIRIS, que é a governança da ciência e tecnologia.

Fabiola: O workshop, que teve como tema central "Ciência e Públicos", aconteceu no Instituto de Geociências da Unicamp, durante todo o dia, e também teve transmissão simultânea, o que permitiu a participação de pesquisadores, debatedores e ouvintes de outras regiões fora de Campinas. Além de discussões, muito interessantes, o clima também foi de confraternização entre amigos, afinal o CIRIS também começou a partir do vínculo da amizade.

Simone: O CIRIS é um grupo de amigos, para começar. E a ideia era pensar a covid sob o prisma dos estudos que a gente já realizava né, sobre sobre o prisma dos estudos sociais de ciência e tecnologia, pensando em ciência, risco, incerteza, comunicação, desinformação, governança, era na verdade um objeto de estudo perfeito para para questões que a gente já aborda nos nossos estudos. Uma característica talvez um pouco diferente de outros grupos de pesquisa, é que nós pensamos bastante na questão da divulgação disso tudo. Então, como a gente faz para o conhecimento que está sendo produzido pelo grupo chegue a uma a população mais ampla a outros públicos que não sejam o do meio acadêmico

Fabiola: Esta é a professora Simone Pallone, pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, o Labjor. A Simone atua em pesquisas sobre Percepção Pública de Ciência e Tecnologia e Jornalismo Científico, extensão universitária e é a coordenadora do podcast Oxigênio. Ela é uma das líderes do CIRIS, orienta pesquisas realizadas pelo grupo no eixo da Comunicação e Percepção de Ciência e celebrou a participação do CIRIS no workshop.

Flora: O caráter interdisciplinar do GEICT parece ter sido um fator importante para receber o primeiro evento de compartilhamento de conhecimento compartilhado em parceria com os pesquisadores do CIRIS.

Marko: O Geict é um grupo muito mais antigo. Começou em 2011, logo que eu entrei na Unicamp. Deriva de um projeto Jovem Pesquisador que eu consegui antes de virar professor, em 2009. Em 2010 fui contratado e continuei com esse projeto e montei o Geict como um grupo para pensar pesquisas no campo dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia. Que é o campo que eu trabalho. Então o projeto era voltado para antropologia da Ciência e Tecnologia que é o meu campo de origem, né, o antropólogo estudava Ciência Tecnologia, continua estudando, né? Mas desse projeto mais disciplinar eu quis construir um projeto interdisciplinar, porque assim que eu entrei no IG eu percebi que eu teria que produzir algo interdisciplinar. O DPCT é interdisciplinar, o iG é muito complexo, né? Tem geologia, geografia, então eu precisava construir um grupo que fosse mais interdisciplinar e surgiu o GEICT congregando quase sempre meus orientandos, mas com o tempo a gente foi agregando outras pessoas, né? E a gente começou essa tradição de workshops há oito anos atrás que era sempre uma coisa interna do grupo, discutir pesquisa em andamento, mestrados, doutorados, depois os pós docs começaram a chegar. Às vezes a gente convidava pessoas de fora, teve um ano que a gente tinha duas ou três pessoas de fora do país, por acaso estavam na

Unicamp e a gente sempre usou workshop como um fórum também de se apresentar para as pessoas, para as pessoas conhecerem o que a gente faz.

[BG: Cool Vibes (B)]

Fabiola: A presença, comentários e contribuições dos debatedores foi essencial para a discussão. A antropóloga, mãe, pesquisadora e professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Soraya Fleischer, comentou sobre as pesquisas apresentadas.

Soraya: Há várias razões porque esse evento é importante. A primeira delas é a retomada presencial, de poder encontrar as pessoas de poder estar juntos na mesma sala, assistindo à apresentação da pesquisa um do outro. Embora tenha sido um evento híbrido, a maior parte das pessoas estava presente no Campus da Unicamp. Eu acho que isso é uma importância do evento. Outra é a aproximação de dois laboratórios diferentes, organizados por dois professores diferentes, em dois departamentos ou unidades da Unicamp e isso é super interessante. Quando unidades conseguem perceber interesses comuns e colocar os seus estudantes e pesquisadores em formação para dialogar. Outra importância é que não fica dentro da Unicamp, mas quando eles convidam professores e professoras para debater os trabalhos e esses professores e professoras são de outras universidades a Unicamp vai criando e consolidando parcerias e uma rede de trabalho.

Flora: Outro debatedor foi o professor Paulo Fonseca, da Universidade Federal da Bahia, no Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação e pesquisador do Laboratório de Humanidades Digitais da mesma universidade.

Paulo: Bom, em primeiro lugar foi um prazer participar do 8º Workshop do GEICT, do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia que foi realizado em parceria com o grupo CIRIS Governança, Risco e Comunicação, com a temática de Ciências e Público. E é um evento muito importante porque é uma grande oportunidade para o compartilhamento de pesquisas em diversos estágios de andamento e principalmente para que a gente possa gerar uma aprendizagem coletiva, uma reflexão enriquecedora, debates sobre cada um dos trabalhos com propostas, com críticas, com visões que possam contribuir e qualificar ainda mais o já excelente nível dos trabalhos desenvolvidos em ambos os grupos de pesquisa. Portanto, workshops desse tipo são

sempre muito frutíferos e muito proveitosos tanto por parte dos estudantes que são orientados, mas também de quem participa como comentador, como foi o meu caso, como debatedor. Mas enfim, é uma oportunidade de um aprendizado generalizado. Então é um tipo de evento que realmente deve ser sempre enaltecido e repetido, né em todas as instâncias da universidade.

Flora: A Mariana Haffiz, jornalista e mestrandia do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o Labjor da Unicamp, abriu o dia de debates. Ela falou sobre desinformação científica e de saúde. A Mariana analisou peças de desinformação sobre a vacina da COVID-19 que circularam no Brasil nos anos de 2020 e 2021. A área de estudos sobre desinformação é relativamente nova e ganhou destaque nos últimos anos principalmente por causa da crise sanitária e das campanhas eleitorais. Ela comenta que o interesse por compreender os sistemas de desinformação está presente em diversas áreas do conhecimento.

Fabiola: Os primeiros conceitos deste fenômeno foram criados por pesquisadores da psicologia, comunicação e ciências políticas. Grande parte dos trabalhos analisados por ela trata a desinformação como um problema de saúde pública e está associada ao processo de tomada de decisão dos indivíduos, como por exemplo, a hesitação no momento de tomar a vacina. Aqui a professora Gabriela comenta sobre o papel de pesquisas sobre comunicação neste momento.

Gabriela: Foi possível a gente pensar também na própria perspectiva de construção de problemas ambientais, ou socioambientais, como agregar a questão das Fake News, da desinformação, dessa circulação de produção e circulação de desinformações nesse contexto de produção ou construção social de um problema. Particularmente a gente discutiu bastante na própria construção social da crise da covid-19. Foi possível também a gente olhar como alguns instrumentos, alguns produtos mais focados também na circulação de informação, podem ser analisados à luz de uma perspectiva analítica que olhe a própria mobilização de organizações da sociedade civil para discutir questões socioambientais, mas também pensar perspectivas analíticas que não são muito claras quando a gente se debruça sobre os próprios estudos da comunicação ou de STS como a questão de pluralidade de ideias, como a questão de independência na produção e circulação dessas informações.

Fabiola: Depois da Mariana ouvimos o Felipe dos Reis Campos, doutorando do programa de Saúde Global da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Felipe investigou como a comunicação pode fazer parte de um sistema de

desinformação intencional, principalmente considerando o conceito de Imunidade de Rebanho e das Negações de aspectos importantes vividos pelo Brasil na crise deflagrada pela COVID-19. A partir da perspectiva construcionista, que revela que a percepção de risco de dano é mais importante na formação da opinião pública do que as probabilidades objetivas, o pesquisador analisou o conteúdo de mais de mil tuítes publicados por integrantes do gabinete paralelo, um grupo formado por políticos de direita, empresários e médicos próximos aos membros do governo federal, nos anos de 2020 e 2021.

Flora: Algumas das desinformações transmitidas por este grupo foram "lockdown mata", "cloroquina vence o coronavírus", "vacinas são lixo" e "o partido chinês restringe a liberdade ocidental". Além disso, o pesquisador abre a reflexão sobre o papel das tecnologias e algoritmos que sugerem conteúdos relacionados às preferências do leitor, sem preocupação crítica sobre a qualidade da informação.

Fabiola: Seguindo na linha de investigação de mídia, ajustamos a bússola e seguimos em direção ao estado do Amazonas. O pesquisador Juan Matheus Gil Costa investigou o papel socioambiental do boletim "Observatório BR-319". A BR-319, também conhecida por Manaus/Porto Velho ou Álvaro Maio, inaugurada em 1976, durante a ditadura civil militar, é a única rodovia que liga a capital do Amazonas ao restante do Brasil por via terrestre.

Flora: Por falta de manutenção e cuidados a rodovia ficou intransitável em pouco mais de 10 anos, sendo interditada em 1988. Desde os anos 1990 planos e soluções vêm sendo apresentadas por diversos governos, porém esbarrando em controvérsias técnicas, científicas, sociais e ambientais. Em 2022 o IBAMA emitiu uma licença prévia para a reconstrução de um dos trechos da rodovia. O pesquisador se dedicou a investigar os boletins produzidos pelo site de notícias "Observatório da BR-319".

Fabiola: As apresentações do período da manhã foram finalizadas com reflexões sobre a virtualização do lazer e as interações entre influenciador e consumidor digital. O pesquisador Pedro Vinícius da Silva, observou mudanças ocorridas na sociedade contemporânea devido ao desenvolvimento digital e das tecnologias da informação na área do lazer e entretenimento, analisando o papel e o trabalho de influenciadores digitais como uma nova categoria profissional ora no universo dos jogos, ora nas mídias sociais. Vinícius se baseia na teoria da cultura de convergência para buscar compreender o novo consumidor digital e como as velhas e novas mídias se relacionam.

Paulo: Ficou muito clara a grande relevância de todos os temas discutidos tanto nas na sessão da manhã quanto na sessão da tarde. Claro que existia um eixo em comum, que é principalmente os estudos interdisciplinares sobre Ciência e Tecnologia, mas como a gente sabe, esse é um campo bastante abrangente e flexível. E o que a gente pôde perceber foi que houve uma amostra muito significativa de como que esse campo do conhecimento pode contribuir não só para compreensão de problemas cruciais da sociedade contemporânea, especialmente no que toca às relações entre ciências, tecnologias e sociedade, mas também para a produção de soluções e de entendimentos que possam contribuir diretamente, por exemplo para políticas públicas, para políticas acadêmicas, enfim para dinâmica de produção de conhecimento.

[BG: Cool Vibes (B)]

Fabiola: A mesa do período da tarde foi composta por cinco pesquisadores que falaram sobre "Ciência e saúde: saberes, públicos e atores". Douglas de Albuquerque Leite fez uma reflexão sobre a ontologia política nos estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Ele se dedicou a compreender a ontologia política como instrumento analítico para o campo de estudos de Ciência e Tecnologia. Uma das perspectivas é que o ser se relaciona com o entorno em um processo de conscientização de sua existência, em constante conformação, em diversos contextos, mobilizando elementos humanos e não-humanos. Um elemento importante para esta compreensão é a historicidade, também abordada pelo pesquisador.

Flora: Em seguida, a pesquisadora Roberta Custódio Cavedini trouxe informações importantes sobre o papel da produção de conhecimento científico na legalização e regularização da maconha medicinal. Ela investigou as relações entre a produção de conhecimento científico e o processo de legalização e regularização da maconha medicinal. Ela analisou artigos e publicações sobre o tema na perspectiva dos estudos sociais da ciência, identificou controvérsias e relacionou com o processo político regulatório considerando a primeira versão do Projeto de Lei 399 de 2015, que propõe viabilizar a comercialização de medicamentos que contenham extratos, substratos ou partes da planta Cannabis Sativa em sua formulação.

Fabiola: Aqui a professora Soraya novamente.

Soraya: A minha perspectiva é da antropologia da Saúde. Então os temas que dialogam com a saúde, com adoecimento, com qualquer tipo de transtorno e sofrimento me interessam em particular. Eu queria destacar então o trabalho da da Roberta Cavedine

que tá pensando a Cannabis Sativa não apenas como uma planta, mas como uma molécula. Então quando ela vai passando de uma planta para diferentes moléculas, como por exemplo, o THC ou Canabidiol, o CBD, ela vai ganhando roupagens morais, políticas, técnicas, diferentes, e a ciência ela entra como um dos atores que vai sanitizando essa planta de toda a sua história e vai transformando essa planta numa molécula. Por exemplo, o CBD muito mais purificado, muito menos dilemático e controverso. Então é muito interessante o papel da ciência como mais um dos atores nesse debate, né?

Fabiola: O pesquisador Lucas Nishida analisou como a participação pública contribuiu com o processo de ampliação da incorporação do medicamento mais caro incluído ao Sistema Único de Saúde, o SUS, em 2019. Estamos falando do Nusinersena. Um medicamento que já estava sendo usado para o tratamento de Atrofia Muscular Esquelética ou AME de Tipo I, uma doença neuromuscular rara. Em 2021, houve o pedido de ampliação do uso do medicamento para os tipos II e III da doença. Houve aprovação apenas para o tipo II.

Flora: Há desafios na construção de conhecimento por evidências desta área. Justamente por se tratar de uma doença rara, há poucos indivíduos portadores da AME participantes de pesquisas e deve-se considerar então dados da vida cotidiana dos pacientes, prática não usual nas pesquisas farmacológicas baseadas em evidências que geralmente utilizam grandes números de amostra e grupos controle.

Fabiola: Foi pensando em compreender a percepção sobre a pandemia de COVID-19 por um grupo específico de pessoas que a pesquisadora Karina Francisco está se dedicando a ouvir os mais velhos. A pesquisadora está conversando com pessoas acima de 60 anos, aquelas consideradas inicialmente como pertencentes ao grupo de risco da pandemia. O objetivo é investigar como essas pessoas recebem, analisam e passam as informações à frente quando o assunto é Covid-19. Isso tudo a partir de hábitos e comportamentos, compreensão de riscos e incertezas, relação com notícias e cuidados.

Soraya: Elas foram mostrando que uma doença é percebida de muitas maneiras, sobretudo um grupo que tem aí um recorte geracional e tido como grupo de risco inclusive, por muitos epidemiologistas, e ainda assim eles foram percebendo o COVID como mais ou menos perigoso, que precisava ser prevenido dessa ou dessa maneira, que provocava tais e tais danos. Então assim três grupos diferentes de idosos com percepções diferentes sobre covid e que repercutia nas suas práticas cotidianas de

relacionamento e autocuidado super interessante também, né? A pandemia do covid não é uma única e homogênea pandemia.

Flora: Por fim, as apresentações foram encerradas com a apresentação da pesquisadora Marisol Monteiro, que falou sobre antropologia pública e usos da etnografia. Marisol se dedicou a investigar sobre antropologia pública, partindo dos debates sobre a atuação e contribuições da área na tarefa de democratização do conhecimento e da possibilidade de engajamento da antropologia na governança da tecnociência.

Fabiola: O processo partiu do questionamento da autonomia e do papel dos cientistas na tomada de decisões políticas e na mitigação de riscos diante de inovações. O mapeamento de controvérsias acerca de questões que envolvem os povos originários, por exemplo, pode ser uma das contribuições da área para a governança de ciência e tecnologia. Ou o uso dos conhecimentos da área para refletir sobre potenciais riscos oriundos da inovação científica e tecnológica.

Simone: Essas apresentações, esses eventos de forma geral ajudam também a identificar pontos de contato entre os estudantes que podem se transformar em artigos ou palestras, ou pesquisas conjuntas no futuro, então isso também é muito importante e um resultado esperado do evento.

Flora: Novamente, Simone destaca a questão da divulgação dos trabalhos para o público não acadêmico

Simone: Trabalhos bem relevantes, e que podem ter uma boa repercussão tanto no meio acadêmico, quando eles publicarem artigos ou a própria dissertação ou tese, que vão ser publicadas. E podem também ser importantes para o público em geral quando os trabalhos tiverem alguma divulgação porque são temas bem palpáveis, dos projetos que estão sendo apresentados. E que despertam o interesse de pessoas de fora da academia. Principalmente os trabalhos e temas relacionados à saúde, e tem também a questão sobre os games, sobre uma estrada na Amazônia. Então são temas que com certeza podem atrair um público que não é o público acadêmico,

[BG: Cool Vibes (B)]

Fabiola: Pensar a ciência em toda a sua complexidade e multidisciplinaridade deve ser um compromisso de todos e principalmente daqueles que se dedicam a ela. Além disso,

é um compromisso da sociedade também, criar meios para que a ciência seja praticada em benefício de humanos e não humanos. A ciência é um bem comum.

Fabiola: Este foi o primeiro episódio de uma série que fala sobre Governança, Riscos e Comunicação. Assuntos pesquisados pelo grupo CIRIS, criado em 2020 com o objetivo de pesquisar e propor reflexões sobre o desenvolvimento destas áreas no Brasil. A divulgação científica dos trabalhos deste grupo é apoiada pela FAPESP através do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico, o Mídia Ciência.

Flora: Esse episódio foi apresentado por mim, Flora Villas e pela Fabíola Junqueira, também responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro.

Fabiola: A revisão do roteiro foi feita pela coordenadora do Oxigênio, a Simone Pallone, do Labjor/Unicamp. Os trabalhos técnicos são do Octávio Augusto Fonseca, da rádio Unicamp. A trilha sonora é o Felipe dos Reis Campos.

Flora: Você também pode nos acompanhar nas redes sociais, estamos no Instagram, no Facebook e no Twitter, basta procurar por “Oxigênio Podcast”. Para acessar o roteiro deste episódio e as referências mencionadas aqui basta acessar o nosso site.

Fabiola: Deixe seus comentários em nossas redes sociais e obrigada por ouvir. Até o próximo episódio!

[vinheta Emergências

Cajon - 20 segundos

Cajon - Abaixa o volume

Entra Vinheta Emergência.m4a

Cajon - Aumenta o volume]

Referências:

Site CIRIS

<https://cirisgrupodepesqui.wixsite.com/ciris>

Portal Unicamp

Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação

Episódio 1: Compartilhando conhecimento

.

Neste episódio a Fabíola Junqueira, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e aluna da especialização em Jornalismo Científico do Labjor/UNICAMP, e a Flora Villas falam sobre o oitavo workshop realizado pelo GEICT, o Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia da Unicamp, realizado em parceria com o grupo CIRIS, dedicado a pesquisar Governança, Risco e Comunicação a partir da crise da COVID-19.

(<https://cirisgrupodepesqui.wixsite.com/ciris>)

.

Elas conversaram com as professoras Simone Pallone (@sipallone), do Labjor/Unicamp, Gabriela Di Giulio (@gabrieladigiulio), da Faculdade de Saúde Pública da USP, e com o professor Marko Monteiro (@monteiromarko), do Instituto de Geociências da Unicamp, líderes de pesquisa do grupo.

.

Este episódio faz parte de uma série que fala sobre os trabalhos do grupo CIRIS, formado pesquisadoras e pesquisadores do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o Labjor, e do Instituto de Geociências, ambos da Unicamp e do Programa de Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

.

A divulgação científica destes trabalhos é apoiada pela FAPESP através do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico, o Mídia Ciência.

APÊNDICE 5

The screenshot shows a podcast player for episode #158. At the top, the navigation menu includes HOME, PUBLICAÇÕES, ARQUIVO, BLOG O₂, and SOBRE. The episode title is "#158 – Emergências: Governança, Risco e Comunicação – Ep. 2: Obstáculos e perspectivas para as Ciências", dated December 8, 2022. The cover art features the CIRIS logo and the text "EMERGÊNCIAS: UMA SÉRIE SOBRE GOVERNANÇA, RISCOS E COMUNICAÇÃO" and "#158 - OBSTÁCULOS E PERSPECTIVAS PARA A CIÊNCIA". The central image is a silhouette of a person climbing a steep, jagged mountain. To the right, there are social sharing options (Facebook, Twitter, WhatsApp, Email, and a plus sign) and a section to "Assine o Oxigênio" with icons for Spotify, YouTube, and Apple Podcasts. Below the player, a description states: "Neste episódio a Fabíola Junqueira (@fabiolamjunqueira) e a Flora Villas (@flora.villas) falam sobre dificuldades da ciência ao longo da história e sua relação com alguns governos ao longo do tempo." A "Temático" section shows a thumbnail for episode #157, "Velhices Digitais".

Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação

Roteiro - CIRIS 2 - Obstáculos e perspectivas para as Ciências

- Ambiente político e ciência

- Apresentação do CIRIS

- Guerras da e na Ciência

Entrevistado: Marko Monteiro (conflitos da ciência)

Publicado em Dezembro 2022

Divulgação

Emergências: uma série sobre Governança, Risco e Comunicação

Episódio 2: Obstáculos e perspectivas para as Ciências

.

Neste episódio a Fabíola Junqueira (@fabiolamjunqueira) e a Flora Villas (@flora.villas) falam sobre dificuldades da ciência ao longo da história e sua relação com alguns governos ao longo do tempo.

.

Elas conversaram com o professor Marko Monteiro, do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp e um dos líderes do grupo de pesquisa CIRIS, que investiga Governança, Riscos e Comunicação no Brasil.

.

Este episódio faz parte de uma série que fala sobre os trabalhos do grupo formado por pesquisadoras e pesquisadores do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o Labjor, e do Instituto de Geociências, ambos da Unicamp e do Programa de Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

.

A divulgação científica destes trabalhos é apoiada pela FAPESP através do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico, o Mídia Ciência.

.

#ciência #unicamp #divulgaçãocientífica #fapesp #usp #unicamp #governança

.

Imagem: Imagem de Clker-Free-Vector-Images por Pixabay

<https://www.oxigenio.comciencia.br/158-emergencias-uma-serie-sobre-governanca-risco-e-comunicacao-ep-2-obstaculos-e-perspectivas-para-as-ciencias/>

<https://open.spotify.com/episode/528ucT8DqiotcHaBFkp2tD?si=HwBDHK19RDIA6KDi2229Ug>

Roteiro

[vinheta Emegrências

Cajon - 20 segundos

Cajon - Abaixa o volume

Entra Vinheta Emergência.m4a

Cajon - Aumenta o volume]

[BG: Cool Vibes (B)]

Locução 1 - Fabíola: Olá, eu sou Fabíola Junqueira e este é o segundo episódio de uma série que fala sobre Governança, Riscos e Comunicação. Assuntos pesquisados pelo grupo CIRIS, criado em 2020 com o objetivo de pesquisar e propor reflexões sobre o desenvolvimento destas áreas no Brasil.

Locução 2 - Flora: Olá, eu sou Flora Villas e ao longo dos episódios você vai ouvir pesquisadores e pesquisadoras do grupo CIRIS, que fazem parte dos programas de mestrado e doutorado do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o Labjor, e do Instituto de Geociências, ambos da Unicamp e do Programa de Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, além de outros cientistas e especialistas convidados.

[BG: Cool Vibes (B) - fim]

Fabiola: Neste episódio vamos falar sobre o cenário político da ciência atualmente e rever um pouco do histórico. Como a ciência foi vista e cuidada no Brasil ao longo do tempo.

[vinheta oxigênio]

Fabiola: Às vésperas do primeiro turno das eleições de 2022 no Brasil, uma das mais importantes revistas científicas do mundo, a Nature, publicou um artigo sobre o que o futuro presidente da república pode significar para a ciência no país. O artigo foi escrito por Jeff Tollefson. Experiente repórter nas áreas de ciência ambiental e políticas públicas que envolvem mudanças climáticas, energia e desenvolvimento global. Questões muito importantes. Questões que devem ser refletidas e discutidas no Brasil principalmente depois de escancaradas as diversas crises pelas quais estamos passando.

[BG: Cynematic.wav]

Thiago: "Em junho, a Academia Brasileira de Ciências divulgou um relatório para os diversos candidatos que concorrem à presidência do Brasil, pedindo investimentos em ciência, educação e desenvolvimento sustentável. Apenas um respondeu. Representantes da campanha de Luiz Inácio Lula da Silva, que lidera as pesquisas à medida que as eleições de 2 de outubro se aproximam, visitaram cientistas na academia do Rio de Janeiro algumas semanas depois."

Fabiola: A Academia Brasileira de Ciências foi fundada há mais de 100 anos, com o objetivo de estimular o desenvolvimento da pesquisa brasileira e a difusão do conceito de ciência como fator fundamental do desenvolvimento tecnológico do país. À época da fundação, em 1916, somente as áreas Matemática, Ciências Físico-Químicas e Ciências Biológicas faziam parte da instituição. E somente treze anos mais tarde a publicação regular dos Anais da Academia Brasileira de Ciências foi assegurada.

Flora: Muito tempo se passou e a nossa compreensão de ciência foi se transformando, se desenvolvendo, reconhecendo que ciência é muito mais do que as áreas calculáveis do conhecimento. Há diversas formas de se fazer ciência, a partir de diversas áreas, de diversos saberes. Quando falamos de ciência não estamos falando apenas das Ciências Duras, aquelas feitas em laboratórios de física, química, biologia, com o cientista usando jaleco branco e manuseando beakers e pipetas, por exemplo, ou fazendo cálculos complexos em lousas ou em computadores de ponta.

Fabiola: Ao longo do tempo, a Academia Brasileira de Ciências foi incorporando outras áreas do conhecimento. Mas foi somente a partir do ano 2000 que a instituição abriu as portas para as Ciências Humanas. Área que envolve estudos como História, Sociologia, Filosofia, Psicologia, Comunicação, Globalização e Humanização, Meio Ambiente, Literatura, Artes, Economia, entre outras. Áreas que estudam o ser humano como um ser social, que se relaciona entre si, que se relaciona com o mundo, com o meio ambiente, com o outro, sendo O Outro, um ser humano ou não humano. As ciências dos povos originários, por exemplo, consideram rios, animais e montanhas tão ou mais importantes do que eu ou você.

Flora: Foi apenas em 2022 que uma cientista mulher assumiu a presidência da academia. A biomédica da Universidade Federal de São Paulo, Helena Nader, deve ficar à frente da instituição por três anos, até 2025. Isso significa representar as demandas da comunidade científica em um cenário de instabilidades políticas vindo de um histórico de constante redução de investimentos e crescente negacionismo à ciência.

Fabiola: E foi pensando na questão do negacionismo à ciência que conversei com o professor Marko Monteiro, professor e pesquisador do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp e um dos líderes do grupo de pesquisa CIRIS, que se dedica a compreender como estamos em relação à Governança, Risco e Comunicação no Brasil. Há anos ele vem refletindo e contribuindo para o debate deste assunto. Recentemente Marko participou da publicação de um dicionário sobre os negacionismos no Brasil.

Marko: 01:09 E começou com um artigo, um artigo de opinião que eu escrevi na Tapuya que chama Ciência Uma Zona de Guerra. 01:18 Não sei se você *chegou a cruzar com esse texto. Não ainda não* 01:22 Esse texto por algum motivo foi bem... circulou bastante, muita gente olhou. *Acho que por conta do porque... assim.* Eu escrevi meio que naquele calor de pensar essa questão do negacionismo crescente no Brasil e uma guerra contra a ciência no Brasil, né? 01:44 E também naquele artigo da Tapuya eu estava tentando pensar a ciência como uma zona de guerra no sentido de que é um locus de disputa muito forte, de pessoas atacando cientistas, atacando intelectuais, pessoas de extrema direita, um sentimento anti intelectual que a gente vem discutindo desde 2016, em outros projetos que eu tava envolvido. Isso vem só crescendo, né? 02:15 E você vem ver as políticas um certo desmonte, né? A questão do desfinanciamento da ciência, aí chega a pandemia e começa né? 02:27

Flora: Nos primeiros anos da pandemia de COVID-19, além da falta de apoio ao desenvolvimento da ciência e combate ao vírus, o governo Bolsonaro negou recomendações importantes em relação à contenção da contaminação e tratamento. Pesquisadores de saúde pública criticam a recusa em implementar o lockdown, a disseminação de desinformação sobre vacinas e o incentivo ao uso de medicamentos ineficazes no tratamento como a hidroxicloroquina.

Fabiola: No artigo "Ciência uma zona de guerra", escrito antes do início da pandemia, por Marko Monteiro na revista científica de estudos latino americanos sobre ciência, tecnologia e sociedade, a revista Tapuya, o professor já alertava sobre crises que ficaram evidentes com a chegada do novo vírus.

Aqui você ouve um trecho do que ele escreveu:

[BG: Cynematic.wav]

Thiago: Trecho da Publicação:

"A América Latina está pegando fogo. A turbulência política atingiu a região em uma onda que não era vista há décadas. Movimentos de extrema direita emergiram com sucesso como uma nova força política, com o Brasil à frente desse novo "movimento" de escala global. As mudanças na política e nas práticas de construção da verdade estão (como sempre) profundamente entrelaçadas, desafiando o lugar da democracia e da ciência na sociedade brasileira contemporânea. Enquanto os brasileiros continuam sofrendo as doses quase diárias de ataques bizarros e violentos a instituições ligadas à democracia, cultura, direitos indígenas, educação e ciência, cientistas e pesquisadores foram forçados a repensar como praticam e entendem a ciência como forma de vida, para o presente e para o futuro."

Marko: 02:43 Saiu em 2020 né, mas não tem exatamente a ver só com pandemia, né? Tem a ver com esse contínuo de coisas. 02:55 Esse artigo gerou interesse no Zé que veio falar "bom, estamos fazendo um dicionário", a questão negacionismo tava muito forte...03:11

Flora: Aqui o professor se refere ao "Dicionário dos Negacionismos no Brasil". Um livro que reuniu mais de 100 cientistas para falar de verbetes relacionados aos negacionismos identificados no Brasil atualmente. Um dos organizadores desta publicação foi o professor José Luiz Ratton da Universidade Federal de Pernambuco.

Quando você terminar de ouvir este episódio vale a pena conferir o episódio número 151 do Oxigênio. A gente falou sobre este dicionário e entrevistou o professor Ratton.

Fabiola: Voltando ao professor Marko. Ele continua nos contando sobre como surgiu o verbete Guerras da Ciência que ele escreveu no "Dicionário sobre os Negacionismos no Brasil."

Marko:03:38 Foi derivada de uma preocupação de um de alguns anos que eu venho tendo e foi um encontro do que eu tava falando com o que o Zé estava organizando.03:48 *E aí apareceu essa oportunidade participar eu topei* 03:54 e 03:54 guerras da ciência surgiu desse jeito, né? Tentando entender a questão de conflito. E como que isso tinha acontecido naquele momento, né? Como que isso seria interessante para pensar negacionismo? Então eu peguei algumas coisas desse artigo da Tapuya para colocar no no texto do dicionário, né para começar a discussão. 04:22 *Então se você for ver lá ou verbete, como você já viu,*04:27 eu tento puxar a questão da guerra da ciência para agora, para tentar entender questões de agora, então é um pouco nesse sentido 04:34

Flora: Mas parece que esta preocupação em relação à credibilidade e aplicação da ciência não tem incomodado apenas os cientistas brasileiros. A Fabiola perguntou para o professor como surgiu essa inquietação e ele contou sobre um movimento que apoia a análise de discursos relacionados à pesquisa responsável e os caminhos para a sua implementação, incluindo barreiras e oportunidades, presentes na condução e no financiamento de pesquisas em 24 organizações de investigação, em 13 países europeus e não europeus. Trata-se do RRI Practice ou Pesquisa e Inovação Responsável na Prática

Marko:04:45 Surgiu de um projeto que eu participei com o Philip Macnaghten que a gente fala bastante dele, lá no CIRIS, por exemplo, de Inovação Responsável, Pesquisa em Inovação Responsável numa perspectiva comparativa, o RRI Practice. Tem os materiais online, eu posso até te passar. Tem um relatório grande que a gente fez, eu e um pós doc meu principalmente sobre minha supervisão. O relatório brasileiro, a gente fez uma ampla análise de questões de ciência. E a ideia era então entender se essa Perspectiva da Inovação Responsável tinha alguma aderência no Brasil. Como é que ela poderia ser implementada aqui, se ela teria, digamos, pertinência. Lembrando que Inovação Responsável tem um pouco essa característica de tentar alinhar a ciência com 05:39 *até vou falar disso numa aula agora à tarde, né* 05:41 tentar alinhar a produção da ciência com valores sociais, com visões de futuro. Entende a ciência como sendo

algo que produz futuros, então tem que ser debatida socialmente. E como que isso deve ser feito, né? Isso deve ser feito a montante do processo científico tecnológico, não depois né. Então diferente de uma noção de lidar com impactos da Ciência e Tecnologia, você tenta antecipar, tenta coordenar para produzir impactos desejáveis e não lidar com o impacto depois que a tecnologia já aconteceu.06:17 E aí nesse nesse processo a gente foi pesquisando os aspectos que a União Europeia, define como Inovação Responsável. Gênero, governança, comunicação.06:31 *tem os elementos... eu vou recuperar aqui porque porque eu tô preparando o slide inclusive para aula* 06:39 Na União Europeia, que já implementou isso, né? Então, ética, igualdade de gênero, governança, acesso aberto, engajamento público e educação científica.06:49 São os elementos que a União Europeia define como sendo o que compõe. E tem também alguns algumas dimensões mais analíticas de, que para mim interessa muito mais, que é antecipar, ter uma postura antecipatória, ter uma postura inclusiva, para pensar ciência e tecnologia, reflexiva e responsiva 07:12

Fabiola: E eu perguntei ao Marko sobre a situação do Brasil no momento destas discussões, a partir desta perspectiva. Ele relembra o ano de 2016, quando houve o golpe parlamentar e a ascensão do presidente Temer. De acordo com o professor, naquela época já era possível detectar o aumento dos negacionismos.

Marko:07:59 Uma ascensão de uma anti esquerda, muito mais do que de uma direita conservadora, também de um sentimento de anti esquerda, de uma negação de tudo que seja supostamente de esquerda até. Porque os intelectuais sempre foram agrupados como se todo mundo fosse de esquerda naturalmente. Então as Universidades começaram a ser alvo de ataques, você tinha ataques à democracia, aquela greve dos caminhoneiros, 08:31 *que acho que correu em 2016, né ou 17* 08:35 então a gente falava disso tudo. Tinha desfinanciamento, como eu falei. Acaba como Ministério da Ciência Tecnologia, você tem sinais muito claros de desmobilização de um aparato governamental e ao mesmo tempo a sociedade atacando, partes importantes da sociedade questionando a universidade que é onde se faz ciência no Brasil. Então a gente ficou preocupado com isso e falava sobre isso, né? Então negacionismo já estava aparente naquela época e hoje, digamos, está no poder, está nos ministérios, está fazendo política pública, né? 09:17

Fabiola: Com a pandemia muitos cientistas ganharam visibilidade na mídia. Passaram a dar entrevistas e alguns até criaram seus próprios canais de comunicação com o público na tentativa de transmitir conhecimento diretamente aos interessados, sem intermediários, evitando descontextualizações e desinformações. Mas é justamente

olhando para trás, estudando a governança da ciência que percebemos que falar com a sociedade não é um ponto forte da comunidade científica no Brasil.

Marko: 09:40 Ao tentar estudar a governança da ciência no Brasil a gente se deparou com essa problemática. Uma ciência enclausurada, que não dialoga muito. Toda a questão da Inovação Responsável é promover diálogo entre ciência e a sociedade, você abrir a governança para participação pública, e a questão da democracia. Então pela questão da Democracia é que a gente chega nesses processos. Num país que critica a democracia, que não confia em democracia, que não tem uma democracia consolidada, né? Tanto que hoje você liga o jornal, todo dia você vê isso. Então isso já estava em 16, em pauta, né? Não é uma coisa de agora. O que tem agora é um acirramento cada vez maior, outra escala e outra qualidade, né? O debate é diferente, mas é um processo de mais longa duração, 10:37

[BG: Pequenas Vitórias]

Flora: No início deste episódio nós falamos sobre as áreas que faziam parte da Academia Brasileira de Ciências no início do século 20 e que somente mais tarde as Ciências Humanas passaram a fazer parte da instituição. A gente costuma pensar na guerra da ciência como essa disputa entre os cientistas naturais versus cientistas sociais sem perceber que essa dinâmica interna na academia reflete uma dinâmica social mais ampla, que de certa forma denuncia uma crise democrática.

Marko: 11:35 o que a gente chama de guerra da ciência, a gente percebe como sendo assim "Ah os cientistas naturais contra os cientistas sociais" ou "as posturas mais positivistas e posturas mais desconstrucionistas". Então isso tem uma dinâmica interna de que... no fim dos anos 70, anos 80, você começa a ter a Filosofia, as Ciências Sociais, Literatura, as Humanidades e as Artes criticando meta categorias, grandes meta narrativas. Então essa seria uma história interna, internalista. 12:13 O que eu estava tentando chamar atenção é que isso não está descolado de dinâmicas externas. Então não é só que cientistas naturais vão atacar os sociais ou os pós-modernos e vice-versa. E essa dinâmica continua né? A questão da pós-verdade, a questão da crítica à sociologia da ciência, aos estudos sociais da ciência, isso continua acontecendo, né? E dentro da Universidade isso sempre esteve em pauta, essa discussão interna entre "precisamos defender uma ciência pura, uma ciência como locus da verdade e não aceitar essas críticas feitas à ciência. Isso não está descolado do que tá acontecendo fora porque, digamos, nos anos 80 isso não era tão... 13:09 a crise da democracia no mundo não era tão perceptível, não estava na agenda. Hoje ela está. 13:18 Então

quando você tem a crise, o crescimento do problema climático como sendo da agenda global, da agenda política global, ao longo dos anos 80, 90 e e século XXI, isso só cresceu. O IPCC, Rio 92 foi um grande marco. Mas depois... isso só vem a crescer, né? A importância de discutir. Ao mesmo tempo você tá discutindo se é real cientificamente ou não, se é uma questão também social, se é a ciência que tem o poder de definir. Então quando você faz essa correlação, o que eu acho importante, é também entender as conexões com o que tá acontecendo fora. 14:06 O que muita gente acha que se você reflete sobre a ciência como uma instituição social, você enfraquece o papel da ciência como produtora de verdades. Então os cientistas mais de uma, vamos chamar de positivistas, que defendem que a ciência é questionável como produtor de verdades, vão atacar os mais críticos ou os mais pós-modernos como se eles tivessem causando esse questionamento da ciência e da democracia. E por outro lado quem defende uma postura mais crítica reflexiva vai chamar, né? Aí eu me alinho mais essa outra postura de que "bom, se você recusa a ideia de que a ciência também é parte da sociedade, você só alimenta essa desconfiança com relação à Ciência. 14:58

Fabíola: Nos últimos anos acompanhamos a ascensão da extrema direita em diversos países do mundo. Nos Estados Unidos, na Hungria, na Turquia e no Brasil. Em todos estes países a questão da ciência está em pauta, principalmente porque junto com ela segue a questão dos investimentos, dos financiamentos em pesquisas e tecnologia. Um governo que nega a questão das mudanças climáticas, por exemplo, não investe em produção e consumo de energia sustentável ou em projetos de proteção e preservação de áreas ecológicas, ao contrário, incentiva a aceleração do consumo de fontes de energias que emitem CO2. A consequência é global.

Flora: Olhando um pouco mais para o passado do Brasil o professor comenta sobre a situação da ciência nos anos de ditadura militar, e que pode ser transposta ou comparada com o que temos visto no governo atual.

Marko: 19:05 a ditadura fez expurgos logo no começo, né? Quando você vê em 64, 65, você já começa a expurgar, tanto o parlamento... parlamentares, juízes e pessoas críticas ao governo, ou de esquerda, ou tachar de comunista, essa lógica do anticomunismo, demonizar o pensamento contrário. Então tem expurgos e tem expurgos também na universidade, não só nas Ciências Sociais e Humanas. Em todas as áreas, inclusive física, química, engenharias. Esse expurgo está no contexto de você, digamos, expulsar da universidade, de onde se produz conhecimento, a ideia ou posturas críticas que tentam entender a ciência como alinhada ao que deseja a sociedade, a ciência como aliada de movimentos para reduzir pobreza, para produzir

uma sociedade mais sustentável. Então, na ditadura você tem um fortalecimento dessa ideia, dessa postura de que a ciência é ciência só, ela não tem que ter nenhuma relação com política, ela deve produzir então os tec. As pessoas têm que ser treinadas em aspectos técnicos. Isso é muito forte ainda hoje na universidade.20:38 *Por isso que tem a ver com aquele projeto que a gente estava que eu falei lá o RRI né?* 20:43 Essa postura tecnocrática é a que venceu. Então a ditadura, ao mesmo tempo dava muito recurso, criava universidades, criava capacidade tecnológica, mas proibia qualquer discussão crítica.20:58 Então essas coisas andam facilmente lado a lado, né? Uma ciência pensada como pura técnica, como se fosse possível separar. Mas isso é feito com violência, com perseguição, com morte, com assassinato, com tortura e consegue manter os cientistas, digamos, na linha. E ao mesmo tempo essa busca da ditadura de produzir autonomia tecnológica, em todo um projeto de longo prazo de produzir autonomia nuclear, produzir tecnologias militares, o sensoriamento remoto que eu estudei, vem um pouco também dessa tentativa de ter capacidade espacial, um programa espacial próprio, tudo isso a ditadura investiu muito, mas sempre alinhado a uma postura de que não deve haver crítica social na ciência. 22:03

Fabiola: Os desafios para a retomada da ciência no Brasil são muitos. Podemos aprender com o que foi vivido no passado e refletindo sobre as diversas possibilidades de futuro. O fato que já entendemos é que a decisão e movimentos de um país afetam os demais. Nas últimas eleições dos Estados Unidos, o então presidente de extrema direita Donald Trump não foi reeleito e no Brasil as perspectivas para a ciência podem variar muito a depender de quem escolhermos para governar.

Flora: Aqui mais um trecho do artigo publicado na Revista Nature em 29 de Setembro de 2022.

[BG: Cynematic.wav]

Thiago: "Durante o primeiro mandato de Lula como presidente, de 2003 a 2010, seu governo investiu pesadamente em ciência e inovação, promovendo políticas sociais e ambientais que reduziram drasticamente o desmatamento na Amazônia e tiraram milhões de pessoas da pobreza. Hoje, o financiamento científico do Brasil é menor do que em cerca de 15 anos, e o país está passando por uma crise econômica que deixou 33 milhões de pessoas sem comida."

Fabiola: Ciência, Governança, Políticas Públicas, Investimentos, Educação, Fome, Moradia, Meio Ambiente, Energia, Dignidade Humana... não são temas teóricos

distantes e independentes, muito pelo contrário, são aspectos entrelaçados, que se comunicam e se relacionam. Fazem parte da nossa vida cotidiana mesmo que não tenhamos consciência disso.

Flora: Estão presentes nas ações mais corriqueiras do nosso dia a dia, como por exemplo acender a luz da nossa casa, pegar o transporte público para ir ao trabalho, ajudar uma pessoa que está pedindo o que comer no semáforo, ter acesso a um remédio de última geração para o tratamento de uma doença e muitas outras situações, até mesmo aquelas que ainda não aconteceram, como a alimentação de gerações futuras, por exemplo.

[BG: Cool Vibes (B)]

Fabiola: Pensar a ciência em toda a sua complexidade e multidisciplinaridade deve ser um compromisso de todos e principalmente daqueles que se dedicam a ela. Além disso é um compromisso de todos também, criar meios para que a ciência seja praticada em benefício de todos, humanos e não humanos. A ciência é um bem comum.

Fabiola: Este foi o segundo episódio de uma série que fala sobre Governança, Riscos e Comunicação. Assuntos pesquisados pelo grupo CIRIS, criado em 2020 com o objetivo de pesquisar e propor reflexões sobre o desenvolvimento destas áreas no Brasil. A divulgação científica dos trabalhos deste grupo é apoiada pela FAPESP através do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico, o Mídia Ciência.

Flora: Esse episódio foi apresentado por mim, Flora Villas e pela Fabiola Junqueira, também responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro.

Fabiola: [áudio: Fabiola_CréditosEdiçãoLocução.m4a] A leitura dos artigos foi feita pelo Thiago Ribeiro, a Amira Rald fez a edição deste episódio e a trilha sonora é do Felipe dos Reis Campos.

Fabiola: . A revisão do roteiro foi feita pela coordenadora do Oxigênio, a Simone Pallone, do Labjor/Unicamp. Os trabalhos técnicos são do Octávio Augusto Fonseca, da rádio Unicamp.

FLORA: Além da indicação do podcast 151, que trata de dois dicionários sobre negacionismos e termos ambíguos erroneamente apropriados pela Direita, recomendamos o Dossiê Eleições e Democracia, da Revista ComCiência os links estão no site do Oxigênio.

Flora: Você também pode nos acompanhar nas redes sociais, estamos no Instagram, no Facebook e no Twitter, basta procurar por “Oxigênio Podcast”. Para acessar o roteiro deste episódio e as referências mencionadas aqui basta acessar o nosso site.

Fabiola: Deixe seus comentários em nossas redes sociais e obrigada por ouvir. Até o próximo episódio!

[vinheta Emergências

Cajon - 20 segundos

Cajon - Abaixa o volume

Entra Vinheta Emergência.m4a

Cajon - Aumenta o volume]

Referências:

link do lançamento do Dicionário dos Negacionismos -
<https://www.youtube.com/watch?v=vtxsl82jqol>

Artigo Nature - "What a new president in Brazil could mean for science", Jeff Tollefson
https://www.nature.com/articles/d41586-022-03071-2?utm_term=Autofeed&utm_campaign=nature&utm_medium=Social&utm_source=Twitter#Echobox=1664493968

Artigo Tapuya - "Science is a war zone: come comments on Brazil", Marko Monteiro

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/25729861.2019.1708606>

Site CIRIS

<https://cirisgrupodepesqui.wixsite.com/ciris>

RRI- Practice

<https://www.rri-practice.eu/>

Dossiê Eleições e Democracia

www.comciencia.br

Episódio 151 - Dicionários temáticos: significados além das palavras

Link

Portal Unicamp

Neste episódio a Fabíola Junqueira, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e aluna da especialização em Jornalismo Científico do Labjor/UNICAMP e a Flora Villas falam sobre dificuldades da ciência ao longo da história e sua relação com alguns governos ao longo do tempo.

Elas conversaram com o professor Marko Monteiro, do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp e um dos líderes do grupo de pesquisa CIRIS que investiga Governança, Riscos e Comunicação no Brasil. (<https://cirisgrupodepesqui.wixsite.com/ciris>)

Este episódio faz parte de uma série que fala sobre os trabalhos do grupo CIRIS, formado pesquisadoras e pesquisadores do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o Labjor, e do Instituto de Geociências, ambos da Unicamp e do Programa de Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

A divulgação científica destes trabalhos é apoiada pela FAPESP através do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico, o Mídia Ciência.
